



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANA - *CAMPUS VI*
COLEGIADO DE LETRAS VERNÁCULAS-LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS
LITERATURAS

CONSERVADORISMO E INOVAÇÃO NA OBRA AMADIANA: A
POSIÇÃO VARIÁVEL DOS CLÍTICOS

CAETITÉ
2015

GILSENE DA CRUZ EVANGELISTA

**CONSERVADORISMO E INOVAÇÃO NA OBRA AMADIANA: A
POSIÇÃO VARIÁVEL DOS CLÍTICOS**

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Humanas do Campus VI da Universidade do Estado da Bahia como pré-requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras Vernáculas.

Orientador: Prof.^o Dr. Ricardo Tupiniquim Ramos

**CAETITÉ
2015**

FOLHA DE APROVAÇÃO

GILSENE DA CRUZ EVANGELISTA

**CONSERVADORISMO E INOVAÇÃO NA OBRA AMADIANA: A POSIÇÃO
VARIÁVEL DOS CLÍTICOS**

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Tupiniquim Ramos

Conceito: _____
_____ rubrica

Examinador: Prof^a Dr^a Patrícia Kátia da Costa Pina

Conceito: _____
_____ rubrica

Examinador: Prof^a Lucélia Alves Magalhães

Conceito: _____
_____ rubrica

**CAETITÉ
2015**

Dedico o presente estudo a Deus, ser supremo e grandioso, fonte de minha inspiração; a minha família, símbolo de força e aconchego em todos os momentos; e a Ricardo Tupiniquim, meu maior suporte e guia de conhecimento.

AGRADECIMENTOS

“Estou feliz e agradeço ao Senhor. Sempre celebrarei Seu nome Altíssimo.” (Salmo 9). Agradeço a Deus, ser supremo que tudo me permitiu, dando-me saúde, força e coragem para chegar até aqui. Quem conduziu toda a minha caminhada e continuará conduzindo em todos os meus dias.

A minha mãe (*in memoriam*) que me acompanhou até o terceiro semestre. Não tenho palavras que expressam a minha gratidão, “obrigada pelos anos que vivestes ao meu lado, por me educar e proporcionar, mesmo nas horas de tuas provas e sofrimentos, a conquista que hoje celebro. Esta vitória, devo a você mãe!”.

A meu pai e minha madrasta, obrigada pelo apoio. Vocês me trouxeram até aqui, porque me ajudaram na caminhada e se preocuparam comigo, não me negaram apoio material e imaterial. Sem vocês, tudo se tornaria mais difícil.

A meus irmãos e irmãs que acreditaram em mim e torceram por minha vitória. Agradeço a Janeide, minha parceira durante todo este tempo, quem esteve comigo nas aulas, na estrada, nos trabalhos e nas alegrias e angústias que enfrentamos durante esses anos. Agradeço a Jeane pela presença constante, pela ajuda nos trabalhos e pela confiança e autoestima que sempre me transmitiu. Agradeço a Zilaque, Valdinei e Jovenilson que, sem perceberem, foram “braços fortes em meu caminho” e, por isso, responsáveis por minha perseverança.

Agradeço ao meu professor orientador Ricardo Tupiniquim Ramos pela confiança que sempre me prestou e pelos conhecimentos que me ajudou a construir, o que me permitiu não somente escrever este TCC, mas também ser uma acadêmica melhor, uma pesquisadora melhor e, sobretudo, um ser humano melhor. Sempre reconhecerei em minha vida a sua valia enquanto professor, orientador de IC e orientador de TCC e levarei comigo as suas “indiretas do bem” para lembrar que preciso me aperfeiçoar e melhorar a cada dia.

Ao professor Paulo César Borges Martins por primeiro me acolher e me ajudar a ser pesquisadora. A Patrícia Kátia da Costa Pina por nos acompanhar em todo percurso do curso, direta ou indiretamente nas aulas, nas orientações e nos conselhos ou “puxão de orelha” que não tardaram acontecer. A todos os nossos mestres que passaram em nossa sala e, naquelas tardes, deixaram um pouquinho de si e levaram um pouquinho de nós.

Agradeço a minha turma 2011.1: Eliene, Aparecida, Maria Helena, Michele, Taíse, Jéssica, Luciane, Márcia Beatriz, Janeide, Ana Claudia, Drielly, Edvânia, Ana Paula, Alane e Eliane. (Em especial, a Maria Helena, Aparecida e Fernanda que foram minhas companheiras de pesquisa. A minha gratidão pelos estudos, ideias, conhecimentos e trabalhos compartilhados). Todas vocês fizeram dos nossos anos aqui na UNEB, um momento significativo e incomparável, do qual guardarei as melhores lembranças e experiências.

Agradeço a instituição Universidade do Estado da Bahia e ao Programa de Iniciação Científica pelos conhecimentos que me proporcionaram, pelos anos de aprendizagem e crescimento.

Agradeço aos incontáveis motoristas que foram responsáveis pelo meu transporte durante essa jornada. A minha gratidão pela solidariedade que me prestaram. Obrigada pelas “caronas”, imprescindíveis para me manter aqui e chegar até o fim.

E agradeço a todos os meus amigos e amigas que fizeram parte da minha caminhada. A todos aqueles que me ajudaram, que torceram por meu sucesso e acreditaram em minha capacidade.

Sintam-se colaboradores desta grandiosa conquista que estou concretizando. Muito obrigada a todos!

*Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no dicionário o
cunho vernáculo de um vocábulo.*

Abaixo os puristas

*Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de excepção*

Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

[...]

– Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

(Manuel Bandeira)

EVANGELISTA, Gilsene da Cruz. **Conservadorismo e inovação na obra amadiana: a posição variável dos clíticos**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Letras Vernáculas. Caetité: UNEB/ DCH – Campus VI, 2015, 55p.

RESUMO

A tradição gramatical apresenta uma concepção reduzida e já ultrapassada a respeito da posição variável dos clíticos. De acordo esta tradição, os clíticos ou pronomes átonos podem assumir três posições quanto ao verbo: após ele (ênclise) – regra geral; antes dele (próclise) – casos específicos de exceção da regra geral: diante de palavras atrativas (outros pronomes, conjunções subordinativas, advérbios) e em construções que aparecem a preposição em + se + gerúndio; e no meio dele (mesóclise) – uso específico para os tempos futuros do indicativo. Em contrapartida, a linguística descritiva destaca outras tendências de colocação pronominal: a regra única da sintaxe do clítico no português brasileiro é que esse pronome é sempre anteposto ao verbo principal; é perfeitamente correto e legítimo iniciar frase com clíticos; a mesóclise com verbos nos tempos futuros simplesmente não existe, colocamos sempre o clítico antes do verbo; e o clítico pode vir tranquilamente interposto entre o verbo auxiliar e o principal. Com isso, fala-se em conservadorismo – uso de construções de acordo com o padrão prescrito pela Tradição Gramatical – e inovação linguística – atualização de usos imprevistos por essa mesma tradição. Em nosso estudo, propusemo-nos a entender em que medida Jorge Amado é conservador ao empregar os pronomes átonos de acordo as prescrições da gramática normativa e em que medida é inovador, ao empregar estes pronomes fora dos padrões normativos. Verificamos quais as ocorrências de usos conservadores e inovadores e quais fatores podem explicar esses usos na escrita. Para tanto, coletamos dados de três gêneros amadianos: o romance *Tereza Batista Cansada de Guerra*, o conto infantil “A bola e o goleiro”, os contos não infantis “As mortes e o triunfo de Rosalinda”, “O milagre dos pássaros” e “De como o mulato Porciúncula descarregou o seu defunto”, e a carta familiar. Após coleta, os dados foram quantificados e analisados segundo os pressupostos teóricos que orientam a pesquisa.

Palavras-chaves: Jorge Amado. Modernismo. Conservadorismo linguístico. Inovação linguística. Clíticos.

EVANGELISTA, Gilsene da Cruz. **Conservatism and innovation in Amadian work: the variable position of the clitics.** 2015. Final Composition of Undergraduation course – Bachelor on Vernacular Language and Literature. Caetité: UNEB / DCH - Campus VI, 2015, 55p.

ABSTRACT

Grammatical tradition has a reduced design and outdated about the variable position of the clitics. Under this tradition, clitics or unstressed pronouns can take three positions in relation to the verb: after it (enclisis) – general rule; before it (proclisis) – specific exceptions of the general rule: before catchy words (other pronouns, subordinating conjunctions, adverbs) and structures like EM + SE + gerund; and among it (mesoclisys) – specific use for indicative future tenses. In contrast, descriptive linguistics highlights other pronoun placement trends: the only rule of clitic syntax in Brazilian Portuguese is that these pronouns are always prefixed to the main verb; is perfectly right and legitimate start sentence with clitics; mesoclisys with verbs in the future times simply does not exist, we always put the clitic before the verb; and the clitic can come quietly interposed between the auxiliary verb and the main. Thus, there is talk of conservatism – use of buildings in accordance with the standard prescribed by tradition Grammar – and linguistic innovation – update of unforeseen uses for this same tradition. In our study, we set out to understand to what extent Jorge Amado is conservative to use the pronouns unstressed according the rules of grammar prescriptions and to what extent is innovative, by employing these pronouns outside the normative standards. Track which instances of conservative and innovative uses and what factors can explain such use in writing. To this end, we collected data from three Amadians genres: romance Tereza Batista Cansada de Guerra ‘Tereza Batista tired of war’, the children's tale "A bola e o goleiro" ‘The ball and the goalkeeper’, non-children's tales "A morte e os triunfos de Rosalinda” ‘The death and the triumphs of Rosalinda’, "O milagre dos pássaros” ‘The miracle of the birds’ and "De como o mulato Porciúncula descarregou o seu defunto” ‘About how Portiuncula mulatto discharged his dead’, and familiar letters. After collection, data were quantified and analyzed according to the theoretical assumptions that guide the search.

Keywords: Jorge Amado. Modernism. Linguistic conservatism. Linguistic innovation. Clitics.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: A variação da posição dos clíticos em “Tereza Batista Cansada de Guerra”	32
Quadro 2: A variação da posição dos clíticos na narrativa curta amadiana	35
Quadro 3: A variação da posição dos clíticos nas cartas familiares amadianas	38

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	12
2 - REVISÃO DE LITERATURA.....	17
2.1 Língua: conservadorismo e inovação	17
2.2 A escrita amadiana no contexto do Modernismo brasileiro	19
2.3 A posição dos clíticos: da Tradição Gramatical à escrita modernista.....	23
3 - ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS.....	32
3.1 Descrição e análise de dados: a posição variável dos clíticos na obra amadiana	32
3.2 Jorge Amado: uma inovação na literatura e na linguagem.....	39
3.4 Jorge Amado: novas perspectivas na descrição da norma padrão e no ensino de língua portuguesa	45
4 - CONSIDERAÇÕES FINAS.....	51
REFERÊNCIAS.....	54

1 – INTRODUÇÃO

Jorge Amado, o escritor baiano mais lido e traduzido de todos os tempos é reconhecido pela sua maneira de fazer literatura representando nela a diversidade do povo brasileiro e, sobretudo, do povo baiano. Suas obras representam o cenário dos lugares onde habitou e as faces do povo com quem teve contato. Por isso, aproximam muito da realidade daqueles que vivem a margem da sociedade.

Essa aproximação do “povão” nas obras amadianas não se desenvolve apenas em termos de conteúdo, mas também, em relação à forma ou a estilística. O escritor opta por usar a norma padrão da língua, acompanhada do uso das variantes estigmatizadas no Brasil. E assim, acaba por desviar do que propõe a gramática normativa para os usos de variados fenômenos linguísticos, inclusive, o fenômeno de variação da posição dos clíticos que aqui temos como objeto de estudo e análise.

Em razão do seu estilo de escrita, Jorge Amado foi e ainda continua sendo, já depois de 13 anos de sua morte, alvo de muitas críticas que o condenam de desleixo com a língua. Os defensores da gramática normativa o criticam por não usar a língua apenas na variante padrão, uma vez que essa é considerada a mais prestigiada socialmente e foi, por muito tempo, tomada como modelo para a escrita dentro das escolas literárias, isso até por volta do período parnasiano. Além do mais, a norma padrão da língua sempre foi eleita como a “norma certa” para as outras modalidades de textos escritos e, como se não bastasse, muitos a elegem também como a “certa” para ser falada.

Apesar disso, enquanto escritor modernista, Jorge Amado primou por quebrar esses paradigmas. Ele podia e muito bem revolucionar o fazer literário e não se esquivou em trazer para a literatura as variantes linguísticas do povo, pois sua pretensão era justamente chegar até esse povo, atingi-lo, identificá-lo e promover a interação, já que a maior importância e necessidade da língua se baseiam em promover a interação social.

Ao incorporar a variação linguística em sua escrita literária, Jorge Amado adotou uma postura inovadora frente à literatura produzida no ambiente sociocultural onde foi formado.

Especificamente no que concerne ao uso dos clíticos ou pronomes átonos, as posições empregadas coincidem com a gramaticalidade do sistema linguístico –

aquilo que soa bem aos nossos ouvidos e nos é compreensível –, mas a maior parte das vezes, são incompatíveis com as prescrições da gramática normativa. A partir disso, investigamos como as ocorrências de variação da posição dos clíticos, registradas na obra de Jorge Amado, podem determinar não apenas uma renovação na forma de ler a obra do prosador baiano como também uma renovação da norma-padrão do português no Brasil e seu ensino.

Para isso, estudamos o conservadorismo e a inovação linguística na escrita literária de Jorge Amado a partir de três gêneros textuais, concretizados nas seguintes obras: o romance “Tereza Batista cansada de guerra”; o conto infantil “A bola e o goleiro”; os contos não infantis “A morte e os triunfos de Rosalinda”, “O milagre dos pássaros” e “De como o mulato Porciúncula descarregou o seu defunto”; e nas cartas familiares constantes do volume “Toda saudade do mundo”.

Nessas obras, levantamos os fenômenos que indicam os usos variáveis na posição dos clíticos, analisando suas causas e discutindo em que medida eles podem determinar não apenas uma renovação na forma de ler a obra do escritor Jorge Amado, como também da norma-padrão do português no Brasil e seu ensino.

A relevância desta pesquisa está em analisar o estilo de escrita literária de um dos escritores brasileiros mais lidos e traduzidos de todos os tempos, Jorge Amado, (escritor de obras que atravessaram 55 países e traduzidas em 49 idiomas), revitalizando, assim, um campo de aplicação dos estudos linguísticos e filológicos, que foi esquecido ou pouco estudado pela academia nas últimas quatro décadas, qual seja, o da Estilística Literária.

Com o estudo realizado, estamos dando continuidade ao trabalho desenvolvido por Barbadinho Neto (1977), contrapondo a sua afirmação - não houve inovação linguística no movimento modernista, exceto em Mário de Andrade e num único passo da escrita amadiana, em que o autor teria cometido um “erro” de concordância verbal. A partir de novas bases teóricas, avaliamos e refutamos a incoerência da conclusão do referido estudioso em relação ao movimento modernista, sobretudo em Jorge Amado. E, ao mesmo tempo, estamos ainda continuando os trabalhos de Elia (1975) e Lessa (1977) que já negaram a afirmação referida, mas trabalharam apenas pelo viés filológico.

Além disso, a pesquisa realizada é de extrema importância por mostrar uma nova forma de ler as obras da literatura brasileira do século XX – especificamente as do escritor baiano em foco - ao discutir que a linguagem modernista não se constitui

por um desleixo com a norma padrão, mas por um objetivo que não a toma como exclusiva. O estudo também indica novas formas de se trabalhar a formulação escrita da norma-padrão do português no Brasil, bem como, seu ensino.

No estudo ora realizado, assumimos como pressuposto teórico geral a existência de um uso variável da língua literária em Jorge Amado, sintetizável em duas tendências: conservadorismo – uso de construções de acordo com o padrão prescrito pela Tradição Gramatical – e inovação linguística – atualização de usos imprevistos por essa tradição e, portanto, socialmente estigmatizados.

Partimos, ainda, do pressuposto teórico de que, pelo menos em Jorge Amado, o conservadorismo e a inovação linguística se explicam, por um lado, pelo projeto estético do autor e, por outro, pelo gênero ou pela sequência textual em que a ocorrência se insere.

A metodologia desta pesquisa se procedeu por uma revisão bibliográfica do tema em que construímos as bases teóricas na busca de responder a nossa problemática; em seguida procedemos com a leitura dos textos amadianos: romance, contos e carta (aqui tidos como documentos); realizamos a coleta de dados e, por fim, a análise, desenvolvida da observação de um objeto mensurável, a partir de uma perspectiva estatística e discursivo-filológica, para ratificar ou retificar, total ou parcialmente, a teoria lida e articulada. Assim, a pesquisa tem caráter teórico-prático, empírico, documental, sobre objeto de natureza quanti-qualitativa.

Ainda em referência à dimensão documental da pesquisa, temos por fonte de coleta de dados, as edições das obras amadianas da Companhia das Letras, aqui consideradas definitivas, posto que autorizadas, senão pelo autor, por seus herdeiros, legítimos detentores dos direitos autorais de sua obra.

A coleta de dados foi feita a partir da aplicação do método filológico: leitura de cada obra com destaque, no texto, de abonações do fenômeno linguístico selecionado e, em seguida, seu registro em fichas padronizadas.

Uma vez colhidos, os dados foram quantificados, e o fenômeno de variação da posição dos clíticos foi analisado a partir da construção teórica sedimentada na literatura especializada sobre ele e interpretado segundo os pressupostos teóricos que orientam esta pesquisa.

O estudo monográfico é continuidade de um projeto de Iniciação Científica-IC/CNPq 2013-2014, integrante de um projeto de pesquisa mais amplo, desenvolvido pelo orientador, “Conservadorismo e inovação na norma literária

modernista: o *corpus* amadiano e a revisão da gramática”. Devido a isso, já temos colhidos, mas ainda não totalmente sistematizados, os dados constantes de outras obras amadianas, além das aqui referidas: os romances “O país do Carnaval”; “Cacau”; “Suor”; “Mar Morto”; “Jubiabá”; “Dona Flor e seus dois maridos”, “Gabriela, cravo, canela”, “A descoberta da América pelos turcos”; a novela “A morte e a morte de Quincas Berro d’Água” e o conto infantil “O gato Malhado e a andorinha Sinhá”.

A pesquisa realizada está situada nos seguintes campos de estudo, com seus respectivos principais teóricos norteadores:

- Tradição Gramatical: Almeida (1985), Bechara (1986, 2004), Cunha (1983), Cunha; Cintra (1985), Rocha Lima (1972);
- Linguística Descritiva: Bagno (2007, 2011), Perini (2002);
- Estilística Literária: Barbadinho Neto (1977), Elia (1975) e Lessa (1977);
- Estudos Variacionistas: Bagno (2001, 2007) e Pinto (1992).

Ao longo da discussão aqui desenvolvida, refletimos como a linguagem amadiana, mesclando inovação e conservadorismo, foi utilizada para representar os falares das diferentes pessoas e classes sociais daquela geração de 30 e como essa mesma linguagem se faz tão presente nos falares atuais de nosso povo e até mesmo em situações monitoradas de escrita.

Assim, acabamos por discutir a relação harmônica entre a literatura modernista e a linguística contemporânea, bem como a necessidade de trabalhar a língua sobre um novo olhar no ensino, já que o mesmo ensino encontra-se até hoje reduzido numa perspectiva de língua como sinônima dessa gramática normativa, construída sobre as características do Português lusitano.

Para tanto, organizamos esta monografia em quatro seções:

- 1 – esta Introdução.
- 2 – A Revisão de literatura, dividida em três subseções, nas quais tratamos:
 - a) Da complexidade e multiplicidade da língua e dos conceitos de conservadorismo e inovação presentes no sistema linguístico;
 - b) Das características e ideais do movimento modernista, bem como da presença de Jorge Amado nesse movimento e a sua forma de criar uma literatura inovadora a partir de uma linguagem despreocupada com a normatividade gramatical;
 - c) Do tratamento dado à posição dos clíticos pela Tradição Gramatical, pela Linguística Descritiva e pela escrita modernista.

3 – Análise e Interpretação de dados, dividida em três subseções, em que tratamos:

a) Dos resultados quantitativos e qualitativos da colocação pronominal no romance “Tereza Batista cansada de Guerra”, nos contos infantis e não infantis e nas cartas familiares. Subseção desdobrada em: usos conservadores encontrados nestes gêneros; usos inovadores; alternância entre usos conservadores e inovadores; e motivos que levam a determinada quantidade de usos conservadores e inovadores nas obras em questão;

b) Da inovação que Jorge Amado representa na literatura e na linguagem;

c) De Jorge Amado enquanto representação de novas perspectivas na descrição da norma padrão e no ensino de língua portuguesa.

4 – As Considerações Finais – última seção em que reafirmamos ter encontrado resposta ao nosso problema de pesquisa e ter alcançado os objetivos que propomos.

2 – REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Língua: conservadorismo e inovação

A língua que falamos é o que revela a nossa identidade, a maneira como pensamos, o instrumento pelo qual nos comunicamos e, principalmente o meio em que nos interagimos em sociedade. A língua está profundamente relacionada ao seu falante, aliás, como bem afirma Aurox (1998 apud BAGNO, 2001, p.36) “[...] A língua em si não existe. Não existem, em certas porções de espaço-tempo, senão sujeitos, dotados de certas capacidades linguísticas [...]”. O que se pode afirmar então, é que a língua não é uma construção cristalizada, pois estará sempre a favor dos falantes e se transformando de acordo as demandas sociais de cada espaço e tempo em que vivem esses falantes.

De acordo Bagno (2007, p. 36), “[...] O real estado da língua é o das águas de um rio, que nunca param de correr e de se agitar, que sobem e descem conforme o regime das chuvas, sujeitas a se precipitar por cachoeiras, a se estreitar entre as montanhas e a se alargar pelas planícies. [...]”. E essa condição da língua é que nos permite compreender o fenômeno de variação. Dizer que a língua varia significa considerar que em cada etapa histórica haverá construções linguísticas diferentes. Cada lugar geográfico e cada comunidade de fala possuem as suas características linguísticas. Cada ambiente e cada ocasião de usos da língua exige variações próprias e cada falante, a depender da idade, grau de escolaridade e status social, apresenta a sua especificidade linguística. Enfim, a língua sempre estará variando enquanto um organismo vivo falado por seres humanos.

Entretanto, concepções muito reduzidas defendem a existência de uma língua homogênea e uniforme, de uma língua padrão supostamente “correta”, sintetizável naquilo que, na verdade, deve ser chamado de gramática normativa. Esta é a tentativa de inverter a nossa língua heterogênea em uma língua homogênea. E a imposição dessa gramática na língua dos falantes brasileiros, é fruto de relações de poder, de ideologias sustentadas pelas camadas dominantes e de ideologias que negam a língua no seu estado de movimento e de representação da identidade de seus falantes:

[...] As gramáticas foram escritas precisamente para descrever e fixar como ‘regras’ e ‘padrões’ as manifestações linguísticas usadas espontaneamente pelos escritores considerados, numa determinada época, dignos de admiração, modelos a ser imitados. Ou seja, a *gramática normativa é decorrência do uso da língua*, é subordinada a ele, dependente dele. Como a GN, porém, passou a ser um *mecanismo ideológico de poder e de controle* de uma classe social dominante sobre as demais, surgiu essa “falsa consciência”, esse “senso comum”, essa “base real de ponta-cabeça” de que os falantes e escritores da língua é que precisam da gramática normativa [...] (BAGNO, 2001, p.39).

Assim, o que houve foi uma inversão de posições, em que a gramática ocupou o lugar da língua e esta foi para o lugar da gramática. Isso, porém, é muito criticado pelos sociolinguistas porque contraria o que significa, de fato, uma língua e elimina a diversidade social revelada na própria manifestação dessa língua. Os sociolinguistas se apoiam na ideia de que as gramáticas normativas sempre se inspiraram na escrita literária lusitana e, simplesmente, exigem reconhecimento e respeito para os usos linguísticos brasileiros.

Pode-se dizer, então, que temos uma sociedade composta por dois paradigmas em que um se constitui pela variação linguística, a língua em seu processo de transformação, e outro se constitui pela norma padrão que é um modelo artificial de língua criado para abolir os efeitos de variação. São esses dois paradigmas que nos permitem entender a questão do conservadorismo e da inovação linguística.

Entendemos como conservadorismo aqui, os usos de construções de acordo ao que prescreve a tradição gramatical, o que se associa a norma padrão. E como Inovação linguística, os usos imprevistos por essa tradição e, portanto, socialmente estigmatizados.

Falar de inovação linguística implica considerar o fenômeno de variação como caráter característico da língua. Já que temos uma sociedade diversificada em todos os aspectos, o normal é que tenhamos também uma língua diversificada e mutante, distanciada de uma norma padrão ideologicamente considerada a “certa”. É dentro das variedades da língua que está a inovação linguística.

O que propõe a gramática normativa se tornou muito artificial perante a evolução da língua. A norma-padrão tende a ser mais um discurso sobre a língua do que uma variante dela, porque não é completamente utilizada mesmo entre as pessoas escolarizadas e nas situações formais. Até nessas situações, é natural que a língua seja usada espontaneamente em algum momento. Sabe-se que nem

mesmo os próprios “pais” das regras gramaticais conseguem utilizá-las, pois elas se distanciam muito da nossa realidade linguística. Entretanto, ficamos por muito tempo (e talvez até hoje), presos a essa gramática que, juntamente com outros valores europeus, foram transportados para o Brasil com o processo de colonização.

Tivemos, por muito tempo, uma literatura produzida no Brasil, com caráter europeu, inclusive, no que diz respeito à linguagem utilizada nela. A redação do trabalho literário era subordinada aos cânones linguísticos de Portugal e seus autores. Por isso, muitos escritores situados em períodos literários anteriores ao modernismo chegaram a sacrificar a sua própria expressão estética, preocupados com os rigores da gramática. É com o modernismo que, na escrita literária, torna-se irrelevante o cumprimento fiel dessa gramática que deturpa a nossa língua e elimina as características sociais e culturais dos falantes brasileiros. Esse “desvio” da gramática pode ser verificado na escrita de modernistas como Jorge Amado que, embora conserve em sua escrita alguns usos prescritos pela gramática, aponta para uma escrita que aproxime mais do público ao qual se dirige.

2.2 A escrita amadiana no contexto do Modernismo brasileiro

O Modernismo surgiu enquanto uma ruptura aos paradigmas tradicionais que permeavam os campos culturais, intelectuais, artísticos e outros na Europa por volta do século XIX. Esse movimento não só transformou o cenário da Europa, mas também ganhou repercussão e se instalou no Brasil. Segundo Bosi (2006, p. 355), a afirmação de novos ideais estéticos não veio de chofre. Às vésperas do conflito, alguns escritores brasileiros traziam da Europa, notícias de uma literatura em crise: verso livre, marcas de um neossimbolismo cuja dissolução nasceria um modo de ser modernista, ideais vanguardistas de extravagância, desvario e barbarismo... Tudo começou a circular no Brasil, surgindo assim uma renovação efetiva, inclusive, no quadro literário do país.

O modernismo é, então, essa renovação efetiva que se inaugurou em São Paulo com a Semana de Arte Moderna em 1922 e, a partir daí, profundas mudanças se instalaram em atividades da vida intelectual, artística e cultural brasileira, sobretudo nas artes e na literatura. Buscaram desenvolver nessas atividades, um compromisso com a realidade brasileira, rejeitando, enfim a submissão a um modelo

passado colonial. Tanto que no modernismo, o pensamento norteador é o do nacionalismo, da brasilidade ou do verde-amarelismo.

Essa ênfase ao nacionalismo ocorreu praticamente em todos os campos de atividades da sociedade. Pintores, escultores, músicos e escritores decidiram a rejeição ou modificação dos valores europeus arraigados no Brasil, uma vez que já éramos um país independente e ainda vivíamos subordinados aos valores de um colonizador. Manifestaram assim, a ruptura dos estrangeirismos presentes em nossa cultura brasileira e que não representava a nossa realidade tal como é. Os encabeçadores do movimento modernista almejavam que as produções artísticas e culturais brasileiras carregassem a “cara” do Brasil e de sua gente. Todavia, no que diz respeito à produção literária, mesmo antes do modernismo já havia um indício de preocupação em torno da nossa nacionalidade. Em relação à literatura, Santos diz:

A marca da nacionalidade brasileira em quanto se produzisse no Brasil, na literatura [...], e, conseqüentemente na linguagem [...], não foi uma decorrente obrigatória do movimento de 22. Já ela se continha evidente no romance de José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Aluísio Azevedo, na poesia de Gonçalves Dias, Castro Alves, nos estudos de Nina Rodrigues e Euclides da Cunha, além de, mais remotamente, Gregório de Mattos, autores que representam empenho de afirmação da realidade brasileira. [...] (SANTOS, 1993, p.61).

O que se pode compreender com isso é que, no Brasil, começa desde o século XVII, a construção de um “corpo” de literatura apontando para a nossa nacionalidade, inclusive na linguagem. No Romantismo, por exemplo, José de Alencar já manifestava em seus romances uma preocupação constante da nacionalidade brasileira. Não esquivou em representar a identidade indígena, mostrou, inclusive no aspecto linguístico, vocábulos próprios da língua do índio do Brasil e, de certa forma, condenou a submissão aos modelos estrangeiros, à prisão aos cânones da língua falada em Portugal. Entretanto, dizemos que os modernistas foram os maiores implementadores da mudança linguística no plano da escrita literária, é no Modernismo em que uma postura nacionalista da língua ganha destaque, porque é nesse período histórico em que se verifica o rompimento à fidelidade gramatical e em que a fala do povo é transportada para a escrita.

Em consequência desse desvairismo nacionalista, surgiu cantada em versos livres, a tese da libertação linguística. Os clássicos da língua, brasileiros ou portugueses passaram a ser zurzidos desapiedadamente. [...] A língua falada foi erguida ao posto de norma padrão da consciência

linguística nacional e o desrecalque gramatical se alastrou feliz por toda a extensão do subcontinente brasileiro. (ELIA, 1975, p.75)

Por isso é que podemos dizer que o povo brasileiro jamais foi tão bem representado linguisticamente quanto na literatura modernista, até porque, antes dessa “revolução”, as obras eram escritas no Brasil e “corrigidas” em Portugal, onde eram adequadas à gramática. E, posteriormente a isso, os outros autores clássicos já não tiveram a mesma preocupação que os modernistas. Assim, pode-se dizer que são os escritores modernistas que trabalham com os recursos linguísticos acessíveis a realidade popular, construindo a estilística própria em que o povo se identifica. E é com eles que a língua escrita tende a aproximar da falada:

[...] com os modernistas, o Português do Brasil intenta atingir uma certa emancipação, sobretudo no que concerne a peculiaridades sintáticas, desassombradamente, corajosamente, com uma coragem e um desassombro com que jamais se houve em épocas passadas. E isto a par de benfazejo combate ao puritanismo e de uma tentativa de aproximação mais íntima e mais definitiva entre língua escrita e língua falada. (LESSA, 1976, p. 30)

A preocupação em aproximar as duas modalidades da língua se explica exatamente pela pretensão dos escritores modernistas de representar o povo e se fazer entender por ele. Produzir uma literatura nacional não implica somente utilizar um conteúdo nacional, falar dos problemas do povo, das suas lutas ou das suas vitórias, mas também utilizar a maneira de expressão do povo, usar a linguagem popular tal como é: compreensível, simples, natural e desvinculada dos exageros normativos. Por isso, dizemos que os escritores modernistas não criaram uma língua brasileira, mas revolucionaram a língua de prestígio social, à medida que trouxeram o “linguajar” do povo, rompendo com as prescrições estabelecidas pela gramática normativa. Os modernistas simplesmente valorizaram e tomaram iniciativa de colocar em circulação na escrita a língua que já circulava na fala.

É nessa perspectiva em que o escritor baiano Jorge Amado, situado na segunda fase do modernismo e maior romancista nascido na Bahia, escreve as suas obras, buscando nacionalizar, de fato, a nossa literatura, descrevendo a realidade do povo brasileiro e, sobretudo, do povo baiano.

O movimento modernista chega à Bahia por volta de 1928 e instalam-se as primeiras manifestações literárias modernistas como o grupo Arco e Flecha, a Academia dos Rebeldes e a revista “Samba”. Destes três, Jorge Amado se inseriu

na Academia dos Rebeldes, uma entidade informal, constituída por jovens de hábitos informais insatisfeitos com o clima de conservadorismo intelectual existente na Bahia. Como diz o próprio Jorge Amado: “Lutávamos por uma literatura brasileira que, sendo brasileira, tivesse um caráter universal; por uma literatura inserida no momento histórico que vivíamos, e que se inspirasse em nossa realidade, a fim de transformá-la” (AMADO, apud SANTOS, 1993, p. 59). Assim, a Academia dos Rebeldes, bem como, todo movimento modernista, buscava aproximação da realidade regional e nacional e do momento histórico vivenciado, ao contrário do apego ao passado e reprodução da identidade e cultura colonial.

Jorge Amado, com seu espírito aberto e rebelde, aos dezesseis anos de idade, se insere no compromisso modernista e acolhe os ideais do movimento, porque se identificava com esses ideais. Mais do que qualquer escritor, ele conhecia o povo, tinha contato e primava por representar esse povo dos cenários em que viveu. E, como bem afirma Tavares (1980, p.167):

No que concerne particularmente à Bahia – dada a sua presença física, telúrica, no cenário de quase todas as páginas que escreveu e bem assim o caráter baiano típico das personagens por ele levadas a todos os povos – tem-se de reconhecer que nenhum escritor jamais foi tão baiano quanto Jorge Amado, do mesmo modo que nenhum baiano foi jamais tão escritor como Jorge Amado [...]

A baianidade desse escritor está representada na sua maneira de fazer literatura descrevendo o cenário da Bahia, os problemas sociais da época e também aspectos da identidade do povo baiano como costumes, comportamentos, língua, religião e outros. Por isso, chega a ser considerado como “herói popular” em nossa literatura. Segundo Calixto (2011, p. 36) “O romancista estaria mais identificado como um herói popular: próximo ao povo, parecido com o povo e defensor do povo”. E o que mais nos interessa nesse herói é que o seu caráter de aproximação desse povo se revela, inclusive, na língua por ele utilizada. É com uma linguagem simples, aberta, sem a preocupação exagerada da gramática e trabalhando com a sua própria estética que ele constrói as suas obras.

Essa linguagem, porém, não era bem aceita em sua época, (aliás, até hoje, apesar da Sociolinguística explicar esse fato, ainda há quem questione e considere “errado” os usos linguísticos que fogem os padrões da gramática). Com Jorge Amado e outros modernistas, “Nasce e avulta a ideia de que a ‘língua errada do

povo é a língua certa' e que há que ajustar a língua escrita à língua falada, por amor à autenticidade de expressão [...]” (SILVIO, 1975, p. 75). Trazer isso para a literatura produzida no modernismo, talvez fosse uma das tarefas mais árduas que os modernistas superaram, pois, mostrar que a língua varia e que ela revela a identidade de um povo, como faz Jorge Amado, implica sujeitar críticas de rigoristas que o condenam de desleixo com a língua e de “pecar” como escritor. Como sempre houve estigma social no que é próprio e característico do povo, a linguagem de Jorge Amado é estigmatizada pelos estudiosos que defendem a existência de um único padrão linguístico prestigiado e plausível pela sociedade como um todo. Além disso, apesar de ser muito óbvia, a questão da variação na língua, para a tradição gramatical, sempre foi encarada como um problema, como um tipo de corrupção.

Por outro lado, em nosso estudo, consideramos que Jorge Amado não é um “pecador” no uso da língua, pois o seu estilo de escrita reafirma a diferença entre o Português de Portugal e o Português do Brasil, mostra a diversidade linguística do povo brasileiro (principalmente das pessoas que vivem à margem da sociedade) e, mais do que mostrar a diversidade linguística, representa a identidade do povo nas mais variadas condições e ensina que a língua deve ser usada a favor dos falantes.

Apesar do seu acesso a cultura letrada, Jorge Amado não opta somente pelo uso da variante adequada à gramática normativa, pois o que ele propõe é mostrar, a partir da inovação e do conservadorismo, que a nossa língua varia tanto quanto a sociedade. Há uma tendência em alguns falarem a norma padrão, representada por usos conservadores na fala do narrador e outra tendência em muitos falarem a variante estigmatizada, representada por usos inovadores na fala dos personagens.

Esse processo de conservadorismo e inovação linguística está presente na escrita simples de Jorge Amado, inclusive, na variação da posição dos clíticos.

2.3 A posição dos clíticos: da Tradição Gramatical à escrita modernista

Os clíticos são tradicionalmente conhecidos como pronomes oblíquos átonos. De acordo Almeida (2009, p.490), esses pronomes são vocábulos sem acentuação própria, sem autonomia prosódica, que se apresentam como sílabas átonas do vocábulo seguinte ou do vocábulo anterior. Assim, os clíticos normalmente vão acompanhar um verbo ou uma locução verbal, já que não têm

autonomia suficiente para aparecerem sozinhos numa expressão. Entre tais pronomes estão: me, te, se, o(s), a(s), lhe(s), nos e vos.

Conforme os gramáticos, em relação ao verbo o qual se articula, o pronome átono pode ocupar três posições na frase: próclise – quando o pronome vem antes do verbo, ênclise – quando vem depois, e mesóclise – quando vem no meio do verbo. Para cada caso, esses gramáticos estabelecem algumas regras de colocação dos pronomes, o que significa para eles, a forma correta de emprego na escrita.

Sobre a ênclise, Almeida (2009, p.492), diz que “[...] quando não há nada que eufonicamente atraia o oblíquo, deve-se dar preferência à posposição”, ou seja, o pronome átono estará enclítico ao verbo, pois, segundo o mesmo gramático, não se pode iniciar período com pronome oblíquo. Bechara (2004) e Rocha Lima (1983) dizem o mesmo a respeito disso e este último acrescenta que a ênclise deve ocorrer também quando o sujeito – substantivo ou pronome (que não seja de significação negativa) – vier imediatamente antes do verbo, assim nas orações afirmativas como interrogativas. Entretanto, motivos particulares de eufonia ou de ênfase podem contribuir para a deslocação do pronome para a posição proclítica (ROCHA LIMA, 1983, p.416-7). Assim, inferimos que neste caso, depende muito do estilo de cada escritor, a decisão de conservar a regra empregando a ênclise, ou de rompê-la empregando a próclise.

Almeida (2009, p.493) destaca ainda que o pronome átono deverá estar enclítico ao verbo quando este aparece no gerúndio, exceto quando vier acompanhado de palavra de valor atrativo como *não* ou acompanhado da preposição *em*. Bechara (2004, p.591) e Cunha (1983, p.222) também determinam que não se pode ter ênclise quando o verbo no gerúndio vier precedido da preposição *em*. Assim, quando se tem estes casos, a posição do pronome átono será tão somente a próclise.

O pronome átono se apresenta proclítico ao verbo em muitos outros casos. De acordo Almeida (2009, p. 494-495), a próclise pode ocorrer nas orações negativas, com certas conjunções coordenativas aditivas, com as conjunções alternativas, com os adjetivos e pronomes relativos, com as conjunções subordinativas, com os pronomes indefinidos e com os advérbios quando precedem ao verbo. Temos então nestes casos, o uso do pronome átono antes do verbo. Tal situação de próclise, segundo Cunha (1983, p.221-222) pode ocorrer nas orações que contém uma palavra negativa quando não há pausa entre ela e o verbo, nas

orações iniciadas com pronomes e advérbios interrogativos, nas orações iniciadas por palavras exclamativas, bem como nas orações que exprimem desejo e orações subordinadas desenvolvidas, ainda quando a conjunção esteja oculta. Rocha Lima (1983, p.418) concorda com Cunha quando destaca que a próclise é obrigatória nas orações negativas, exclamativas, interrogativas, subordinadas e com advérbios e pronomes indefinidos sem pausa. Em outras palavras Bechara (2004) define as mesmas proposições para a próclise.

Consideramos ainda que o clítico *o* apresenta certa especialidade na posição de ênclise. Em relação a isso, Almeida (2009, p.493) destaca que quando este se pospõe a verbo terminado em vogal, não há nenhuma modificação; quando posposto a formas terminadas em *r*, *s* e *z*, transforma-se em *lo* e tais consoantes desaparecem; e quando posposto a formas terminadas em *m*, adquire a forma *no*.

Quanto à mesóclise – a colocação do pronome no meio do verbo –, segundo Almeida (2009), Cunha (1983) e Bechara (2004, p.589), pode ocorrer apenas com os verbos nas formas do futuro do presente e futuro do pretérito. Mas não é obrigatoriedade, pois os mesmos gramáticos afirmaram que nestes casos, pode-se ter também a próclise. Em relação a isso, o que se pode perceber é que o emprego da mesóclise é quase inexistente, há uma tendência maior em utilizarmos a próclise quando o verbo se apresenta nas duas formas referidas.

O pronome átono pode também aparecer na expressão, relacionado a uma locução verbal e, neste caso, como é dito na tradição gramatical, a locução pode ocorrer com verbo auxiliar mais infinitivo, auxiliar mais gerúndio e auxiliar mais particípio. Bechara (2004, p. 590) e Cunha (1983, p.223-224) estabelecem que quando se tem auxiliar mais infinitivo, o pronome átono pode aparecer proclítico ao auxiliar, enclítico ao auxiliar ou enclítico ao verbo principal. Rocha Lima (1983, p. 420) concorda com as três possibilidades. Assim, temos gramaticalmente, três maneiras diferentes de empregar o clítico quando este vier aliado a uma locução verbal formada por auxiliar mais infinitivo.

No caso da locução formada por auxiliar mais gerúndio, Bechara (2004, p. 590), Cunha (1983, p.223-224) e Rocha Lima (1983, p. 420) destacam que o pronome átono pode aparecer proclítico ao auxiliar, enclítico ao auxiliar e enclítico ao verbo principal. Já no caso de auxiliar mais particípio, pode aparecer proclítico ao auxiliar ou enclítico a ele. Vimos assim que o verbo no particípio não deve atrair o clítico.

Todas essas “regrinhas” estão enumeradas em gramáticas que estabelecem o que deve e o que não deve ser usado na língua. Elas vieram do português lusitano e insistem em ser cumpridas ainda hoje em nosso português brasileiro. No entanto, até a própria maneira de serem apresentadas nas gramáticas já revelam a impossibilidade de serem cumpridas. Parece haver uma preocupação dos gramáticos em detalharem ao máximo, informações que só complicam a compreensão do leitor/falante.

O que as gramáticas abordam a respeito da colocação dos clíticos ou pronomes átonos pode ser descrito simplesmente da seguinte forma:

1) em português, os clíticos podem assumir três posições quanto ao verbo:

a) após ele (ênclise) – regra geral;

b) antes dele (próclise) – casos específicos de exceção da regra geral:

- diante de palavras atrativas (outros pronomes, conjunções subordinativas, advérbios);

- em construções EM + SE + gerúndio.

c) no meio dele (mesóclise) – uso específico para os tempos futuros do indicativo.

Talvez tivéssemos assim melhor compreensão das regras; porém, mesmo simplificando a gramática normativa, ainda seria impossível garantir a sua eficácia, pois ela não acompanha as transformações por que passam o português brasileiro, não se adequa à realidade mutante da língua:

A falta de adequação à realidade da língua aparece quando a gramática descreve (ou “recomenda”) verdadeiras ficções linguísticas: construções que caíram de moda a séculos, ou mesmo que jamais existiram. Um exemplo é a afirmação de que só se coloca um pronome clítico (oblíquo átono) entre um auxiliar e o verbo principal ligando-o ao auxiliar por ênclise, isto é, *estou-me divorciando* e não *estou me divorciando*. Ora, sabemos que, apesar da opinião dos gramáticos, a segunda forma é a mais comum na língua atual. (PERINI, 2002, P.22)

Com isso, não estamos propondo uma espécie de condenação aos gramáticos, pois compreendemos que a gramática normativa foi construída sob uma ideologia dominante e que se sobrepôs por muito tempo em nosso cenário linguístico. Aliás, até entendemos que as gramáticas normativas representam a situação dos estudos linguísticos por volta dos princípios do século XX.

Entretanto, é importante considerar que as pesquisas linguísticas evoluíram, já que temos uma língua em processo de transformação e não de estabilidade. É por conta disso que os descritivistas não ditam o que deve ser usado em nossa língua, mas descrevem o que nela se utiliza, já que a língua está para a gramática e não a gramática para a língua.

Em relação a isso, encontra-se um embate entre o que apregoa a gramática normativa e o que descreve a descritiva. Bagno (2013, p. 231) destaca que “O velho e infrutífero debate sobre a chamada ‘colocação pronominal’ deve ser abandonado em favor de uma postura mais realista diante do que de fato é a gramática do PB contemporâneo”. Semelhante ao que diz Bagno, Lessa já dizia que:

[...] já é hora do capítulo ‘Colocação dos Pronomes Oblíquos’ ser desterrado das nossas gramáticas.

As regras formuladas, neste ponto, são todas bolorentas e não correspondem, de forma alguma, à realidade linguística brasileira.

Não vemos razões para se disciplinar o uso do pronome nesta ou naquela posição. O coloquemos com a mesma naturalidade com que o fazemos em relação a outra palavra qualquer. (LESSA, 1976, p.128)

A crítica de ambos os autores mostra a incoerência da gramática normativa com a realidade linguística brasileira, sugere o abandono das antigas regras que não se encaixaram em nosso sistema linguístico e, ao mesmo tempo, exprime a necessidade de se adotar uma postura de “liberdade” na colocação dos pronomes átonos. Essa liberdade já era solicitada pelos escritores literários modernistas quando eles decidem romper as regras de colocação pronominal. E hoje mais ainda, é notável que em nosso português, surgiram outros usos linguísticos que já se podem chamar de “regras”, uma vez que são correntes na fala e já na escrita. Tem-se de reconhecer que o nosso Português muito se difere do Português de Portugal e que não há como seguir a gramática de uma língua diferente da nossa. Como bem destaca Bagno (2007, p. 94)

[...] os gramáticos se esforçam em definir uma série de regras e sub-regras para a colocação dos pronomes oblíquos, valendo-se inclusive de noções pouco consistentes como a da suposta “atração” que uma das palavras exercem sobre as outras. Do outro lado, os usos reais da língua pelos brasileiros demonstram que só existe uma regra de colocação pronominal em vigor entre nós: a da **próclise ao verbo principal**. É isso que nos leva a iniciar frases com pronome oblíquo, apesar desse uso ser veementemente condenado pelos normativistas, e a nunca fazer uso da mesóclise na língua falada (“dar-te-ei”, “ver-nos-emos”, “agradecer-lhe-ia”), um tipo de colocação pronominal que soa absolutamente estranho (senão ridículo) para os ouvidos brasileiros. As regras normatizadas de colocação pronominal

tentam impor artificialmente aos brasileiros um uso da língua que é natural e fácil para os portugueses, porque corresponde as tendências fonológicas da língua deles, que tem uma gramática diferente da nossa.

Assim, é preciso levar em conta que a diferença da língua e mesmo a diferença de falantes provoca variação no emprego dos fenômenos linguísticos, no caso, variação da posição dos clíticos. Diferentemente do Português lusitano, Pinto (1992, p.24) também propõe que no Português do Brasil, a colocação pronominal é livre, ou seja, não é necessário haver grande preocupação quanto a posição proclítica, enclítica ou mesoclítica do pronome. Infere-se que o escritor utilize-o na posição em que melhor se adequar à sequência textual escrita.

De acordo com Bagno (2013, p.232-3), pode-se dizer que em nosso PB, temos novas tendências de colocação pronominal, diferentes do que propõe a gramática normativa: a regra única da sintaxe dos clíticos no PB é que o clítico é sempre anteposto ao verbo principal; é perfeitamente correto e legítimo iniciar frase com clíticos no PB, da mesma forma que ocorre no Espanhol e no Italiano; a mesóclise com verbos nos tempos futuros simplesmente não existe, colocamos sempre o clítico antes do verbo; e em nosso Português Brasileiro, o clítico pode vir tranquilamente interposto entre o verbo auxiliar e o principal. Essas posições em que colocamos os clíticos são opostas ao que estabelece a gramática normativa e já podem ser consideradas “regras” à medida que são correntes e categóricas no uso da língua.

Ramos (2012) defende a mesma perspectiva de Bagno (2013) em relação à próclise em nossa língua, quando diz que:

No português do Brasil, as formas átonas apoiam-se, em geral, no vocábulo precedente, o que se chama *próclise*. Ela é responsável pela redução da extensão fonética de alguns dissílabos [...] e por variações fonéticas das vogais. Embora de emprego quase categórico no vernáculo lusitano, o apoio da forma átona à palavra precedente (a *ênclise*) é cada vez mais raro no vernáculo brasileiro, restringindo-se praticamente a alguns casos de colocação de pronomes átonos (clíticos) na escrita mais formal, aproximante da norma-padrão. (RAMOS, 2012, p. 73).

Assim, confirmamos mais uma vez que a próclise tornou-se posição natural dos pronomes átonos em nosso PB, diferentemente do português europeu que prefere a ênclise e só permite a próclise em casos de atração magnética que algumas classes gramaticais exercem sobre os clíticos. Vale ressaltar neste caso que a preferência por próclise (brasileiros) ou ênclise (portugueses) se explica pela

diferença de estilo na elocução frasal de ambos os povos e não é um fenômeno sintático que diz respeito à estrutura gramatical, mas é uma questão fonética que traz consequência sintática. A língua nacional do Brasil é a mesma língua de Portugal, porém, não se pode relegar as especificidades e diferenças de uma em relação à outra, e isso, em razão do estilo e não de problemas estruturais.

A questão de variação de estilo que ocorreu entre o vernáculo lusitano e o vernáculo brasileiro pode ser notada também somente dentro do nosso vernáculo, entre os escritores clássicos de nossa literatura. Como bem informa Said Ali (2006 apud RAMOS, 2012, p. 73), “mesmo entre os escritores clássicos, em que se pauta a norma-padrão, o uso dos clíticos está sujeito a uma variação estilística fundamentada na ênfase e em sua entoação característica”.

No modernismo, encontramos a variação no uso dos clíticos, conseqüente dentre outras razões, da estilística de cada escritor.

Sem dúvida, os escritores modernistas, inclusive Jorge Amado, trouxeram ou fizeram reconhecer variações linguísticas no Português do Brasil. Variações que se incorporaram no padrão linguístico prestigiado e que quebraram as imposições prescritas pela gramática normativa. Segundo Elia (1975, p. 95),

[...] Embora a sínclise orgiaca dos modernistas não tivesse prevalecido na geração que lhes sucedeu, pela sua atitude radical conseguiram desrecalar complexos coloniais da língua literária e abrir caminho para uma aproximação do problema, mais condizente com os dados da realidade.

O que condizia com os dados da realidade era justamente o uso da variante do povo que a literatura pretendia alcançar ou representar. E também, o abandono de uma língua literária pautada em uma gramática de um povo ao qual a literatura brasileira modernista não se destinava.

Em relação à colocação de pronomes átonos, Elia (1975, p.91) diz que “Os autores modernistas deram aqui o grito inflamado de independência; acolheram praticamente, todas as colocações”. Prova disso está em Lessa (1976, p. 74-9) quando destaca que os modernistas: iniciam períodos por pronomes oblíquos; deixa o pronome solto nas locuções verbais em que este fica proclítico ao verbo principal (infinitivo, gerúndio e particípio); e utilizam próclise ao gerúndio e ao infinitivo mesmo fora de locuções verbais.

Essas “novas” formas de empregar os pronomes átonos podem ser encontradas, além de em Jorge Amado, em outros modernistas, como Carlos Drummond de Andrade:

Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo. (ANDRADE, p. 9 apud ELIA, 1975, p. 91).

Me abraçou com tanto amor
Me apertou com tanto fogo
Me beijou, me consolou.” (ANDRADE, p. 18 apud ELIA, 1975, p. 92).

No primeiro exemplo, temos o pronome átono *te* intercalado entre o verbo auxiliar e o principal, o que para a tradição gramatical deveria vir proclítico (eu não te devia dizer) ou enclítico ao auxiliar (eu não devia-te dizer) ou ainda enclítico ao principal (eu não devia dizer-te).

No segundo, temos o pronome átono anteposto ao verbo em início de período, situação proibida pela Tradição Gramatical, que aí prevê ênclise (abraçou-me com tanto amor, apertou-me com tanto fogo, beijou-me, consolou-me), regra igualmente quebrada por Bandeira, nos seguintes versos:

Me obrigarás a novas saudades
Nunca mais me esquecerei do teu largo da Sé
Com a fé maciça das duas maravilhosas igrejas barrocas (BANDEIRA, p. 189 apud ELIA, 1975, p. 93)

Me lembro de todos os pregões:
Ovos frescos e baratos
Dez ovos por uma pataca. (BANDEIRA, p. 191 apud ELIA, 1975, p. 93).

Já com Murilo Mendes em *História do Brasil*, temos o uso do pronome proclítico ao gerúndio, algo inadmissível para a Tradição Gramatical, que aí prescreve a ênclise (eu acabo abraçando-te, acabou dando-se mal):

Homem homem se me acabas
Eu acabo te abraçando. (MENDES, p. 49 apud ELIA, 1975, p.94) e em:

Quis deitar muita energia,
Acabou se dando mal (MENDES, p. 69 apud ELIA, 1975, p.94).

Essas e outras maneiras de colocar o pronome junto ao verbo revelam a liberdade dos modernistas em sua escrita literária para trabalhar com as palavras. Entretanto, falamos numa “liberdade estilística” bem coerente dentro da língua e bem aceita, no sentido de ser frequentemente utilizada pela grande massa:

Não se pense, porém, em liberdade absoluta de colocação do pronome átono em relação ao verbo. Há tendências respeitáveis, que a leitura dos bons autores ensinará, e, além disso, há colocações que o ouvido repele. Quem preferirá, por exemplo: *É impossível a compreender a É impossível compreendê-la?* (ELIA, 1975, p.112 – grifos do autor).

Dessa forma, dizemos que a variação na colocação dos pronomes átonos encontrada em Jorge Amado e nos demais modernistas não é uma construção de “absurdos” na língua, mas uma materialização do que soa bem aos nossos ouvidos na língua, do que o “sistema” linguístico nos permite.

3 – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

Nesta seção, a partir da leitura das obras amadianas, apresentaremos os dados coletados, correspondentes ao conservadorismo e inovação na posição variável dos clíticos. Inicialmente trataremos da descrição e análise dos dados, a partir do romance “Tereza Batista Cansada de Guerra”, passando aos dados do conto infantil “A bola e o goleiro”, dos contos não infantis “A morte e os triunfos de Rosalinda”, “O milagre dos pássaros” e “De como o mulato Porciúncula descarregou o seu defunto” e das cartas familiares constantes do volume “Toda saudade do mundo”.

Em seguida, tentaremos entender como esses dados podem determinar novas formas de ler a obra amadiana no contexto de um projeto estético próprio do modernismo brasileiro e como podem alterar a forma de se trabalhar a formulação escrita da norma padrão do Português no Brasil e seu ensino.

3.1 Descrição e análise dos dados: a posição variável dos clíticos na obra amadiana

Após a leitura do romance “Tereza Batista Cansada de guerra”, coletamos os dados da variação na posição dos clíticos e chegamos ao seguinte resultado:

Quadro 1: A variação da posição do clítico em “Tereza Batista Cansada de Guerra”

USOS	OCORRÊNCIAS	%
conservadores	2794	69,78
inovadores	1610	30,22
TOTAL	4404	100%

A partir do quadro acima, podemos afirmar que, embora haja registro, tanto de usos inovadores quanto conservadores, no romance em questão, esses predominam, havendo exemplos de:

a) emprego da ênclise quando não há justificativa para outro uso, ou seja, a ênclise como regra geral, conforme previsto pela Tradição Gramatical:

[...] A paralisia infantil **aleijara-lhe** as pernas e Lulu Santos **locomovia-se** apoiado em duas muletas [...] (AMADO, 2008, [1972], p.5)

[...] o capitão **empurrava-lhe** o pé na cara [...] (AMADO, 2008, [1972], p.105)

Levantou-o à altura da boca [...]. (AMADO, 2008 [1972], p.118)

b) usos autorizados da próclise (verbo antecedido de palavra de valor atrativo – um pronome, um advérbio ou conjunção subordinativa – ou a construção EM + SE + gerúndio)

[...] **Não lhe faltou** sequer casamento [...] (AMADO, 2008 [1972], p.68)

[...] ela **nunca o faria** [...] (AMADO, 2008 [1972], p.135)

[...] e **ele a transformaria** em joia de rei [...] (AMADO, 2008, [1972], p.134)

[...] tanto mais **em se tratando** do filho do juiz [...] (AMADO, 2008, [1972], p. 118)

— [...] **Se a quiser**, terá de pagar. (AMADO, 2008 [1972], p.68)

— [...] em **todas te educarei**. [...]” (AMADO, 2008, [1972], p. 176)

c) usos autorizados da mesóclise (com verbo nos futuros do indicativo)

[...] posta na rua da amargura pelo capitão, **lembrar-se-ia** dele. (AMADO, 2008, [1972], p. 149)

[...] Pela manhã, **arrastar-se-á** para a cama de vento [...] (AMADO, 2008, [1972], p. 162).

[...] Por seu gosto, **ter-se-iam** casado no dia seguinte ao do noivado. (AMADO, 2008, [1972], p. 94);

— [...] Se eu quisesse fazê-lo, **tê-lo-ia** feito durante a audiência. (AMADO, 2008, [1972], p. 54)

— Não se mudaram por bem, **mudar-se-ão** por mal. (AMADO, 2008, [1972], p. 407)

O que justificaria o predomínio desses usos conservadores? Inicialmente, o gênero textual; depois, as sequências textuais. Vejamos.

O romance é um gênero textual em que predomina a voz do narrador, ente literário atrás do qual se oculta o autor. No caso específico de “Tereza Batista Cansada de Guerra”, o narrador é do tipo onisciente: ele tudo sabe acerca da narrativa, dos acontecimentos da trama ao pensamento e sentimento das personagens. Por esconder atrás de si o autor – Jorge Amado, jornalista experiente no trato com a norma-padrão do idioma –, o narrador amadiano tem uma fala conservadora.

Contudo, se o leitor atento observar, entre os exemplos de conservadorismo arrolados acima, quatro (os dois últimos das situações **b** e **c**) pertencem a falas de personagens, sequência textual em que se imaginava ocorrerem inovações.

Todavia, é importante observar que tais personagens não são oriundos de classes populares, mas de classes sociais mais abastadas (um juiz de direito, um bacharel, um delegado, um capitão, um comerciante). Nesse sentido, respeitando seu projeto estético de representar a realidade – inclusive de fala – do povo baiano, Jorge Amado põe na boca dessas personagens uma fala que melhor espelha as prescrições normativas.

Por outro lado, quando a personagem é de caráter popular (pessoas pobres, raparigas, bexigentos, arruaceiros, entre outros), sua fala é o local da inovação, cujos casos mais frequentes foram:

a) clítico no início de período:

- **Me** apresente à deusa da noite [...] (AMADO, 2008 [1972], p.7)
- **Lhe** trouxe nessa tropelia para evitar a polícia [...] (AMADO, 2008 [1972], p. 18)
- **Me** diga se já carregou nas costas [...] (AMADO, 2008, [1972], p. 65)
- **Me** serve qualquer trem [...] (AMADO, 2008, [1972], p.233).

b) clítico intercalado em locuções verbais:

- **Está** se matando, isso sim [...]” (AMADO, 2008, [1972], p. 7)
- [...] acredite no que **vou** lhe dizer [...]” (AMADO, 2008, [1972], p.165).

c) próclise ao gerúndio fora de locuções verbais:

- [...] dentro de ti **me** desfazendo [...] (AMADO, 2008, [1972], p. 307)
- [...] e **me** lembrando de Isadora [...]” (AMADO, 2008, [1972], p.334)

d) próclise ao infinitivo fora de locuções verbais:

- [...] não sendo tempo de **se** desprezar freguês [...] (AMADO, 2008, [1972], p. 216)
- [...] para **me** esconder [...] (AMADO, 2008, [1972], p. 324)
- [...] podendo Tereza **lhe** reservar mais de uma tarde [...] (AMADO, 2008, [1972], p.351)

Além de apresentar o conservadorismo, próprio das sequências narradas, e a inovação, característica das sequências dialogadas, a obra em estudo apresenta

também alternância entre conservadorismo e inovação numa mesma sequência textual de fala de narrador, conforme mostram os seguintes exemplos¹:

[...] um incidente qualquer **a mergulha** na alucinação. Os monstros **a perseguem** [...] (AMADO, 2008, [1972], p. 103)
 [...] ao **trazê-lo**, a criada **os encontrou** aos beijos [...] (AMADO, 2008, [1972], p.250)
 [...] a **conduzi-la** por caminhos obscuros, **mostrando-lhe** como enxergar nas trevas, a **lhe propor** mágicas e adivinhas e a **lhe oferecer** solução [...] (AMADO, 2008, [1972], p. 264)
 [...] a imagem **se movimenta**, **adiantando-se** para os degraus [...] (AMADO, 2008, [1972], p. 442).

Em todos os exemplos, o emprego dos pronomes em posição enclítica corresponde o conservadorismo – uma vez que a ênclise é regra geral – e o emprego em posição proclítica corresponde à inovação já que – exceto na primeira ocorrência do primeiro exemplo, próclise autorizada – nos demais casos, não há palavra de valor atrativo para trazer o pronome para antes do verbo.

Só vemos uma única explicação para esse paradoxo. Conscientemente, levando em conta seu projeto estético de criação de uma literatura que se identifique com o leitor, Jorge Amado alterna conservadorismo e inovação, mesmo nas sequências textuais propriamente narrativas.

A partir da coleta de dados no conto infantil “A bola e o goleiro” e nos contos não infantis “De como o mulato Porciúncula descarregou seu defunto”, “A morte o triunfo de Rosalinda” e “O milagre dos pássaros”, construímos o seguinte quadro:

Quadro 2: A variação da posição do clítico na narrativa curta amadiana

USOS	conto infantil		contos não infantis	
	ocorrências	%	Ocorrências	%
conservadores	32	78,05%	145	85,30%
inovadores	9	21,95%	25	14,70%
TOTAL	41	100%	170	100%

A situação das narrativas curtas amadianas em foco é um tanto distinta da do romance acima tratado, embora os casos de conservadorismo e de inovação registrados sejam os mesmos.

¹ Também no conto infantil “A bola e o goleiro”, há um exemplo de ocorrência de conservadorismo e inovação na mesma sequência textual fala de narrador: “Mas Fura-Redes partiu atrás de seu goleiro e o perseguiu até que o alcançou [...] e em seu peito se aninhou” (AMADO, 2008 [1987], p.30)

Inicialmente, no conto infantil e em dois contos não infantis (“A morte e os triunfos de Rosalinda” e “De como o mulato Porciúncula descarregou seu defunto”) não há diálogos entre personagens, só fala de narrador, o que explica a alta incidência de usos conservadores, autorizados pela Tradição Gramatical, como se vê nos seguintes exemplos:

Fura-Redes **mantinha-se** absolutamente imparcial quando **se exhibia** no gramado. (AMADO, 2008 [1987], p.6)
 Mas quando entrava em campo a esquadra em cujo arco Pega-Tudo **se exhibia**, era aquela glória. (AMADO, 2008 [1987],p.15)
 [...] a famosa Fura-Redes, a quem o Rei, como **se sabe**, galanteava, **dizendo-lhe** [...] (AMADO, 2008 [1987],p.23)
 Viram, então, Fura-Redes [...] **desviar-se** antes de cruzar o arco, **dirigindo-se** dengosa, para onde estava Bilô-Bilô [...]: **queria aninhar-se** em seus braços. (AMADO, 2008 [1987],p.28)

Também Rosalinda, **submetendo-se** à delicada operação, jogou dinheiro fora, pois logo **me dei** conta de que já **lhe haviam** tirado os tramos. (AMADO, 2010 [1965], p.10)
 Não **lhe tendo** revelado o segredo de minha tardia e dolorosa circuncisão, [...] **coloquei-me** a seu serviço, mestre e amigo, e não **lhe digo** nada. (AMADO, 2010 [1965], p.19)
 [...] não **a violentei** então, como **poderia fazê-lo** [...] se foi ele quem **me arrastou** à devassidão [...]? (AMADO, 2010 [1965], p.36)
 Porque tendes barrete e toga, meritíssimo de merda, **pensai-vos** com direito a rotular meus atos, **ditar-lhes** sentença, **enviar-me** para a Ilha do Diabo ou para as exposições abstratas, **deportar-me** para um museu de egiptologia? (AMADO, 2010 [1965], p.42)

[...] na hora em que Porciúncula [...] mudou de lugar e **sentou-se** no caixão de querosene. (AMADO, 2008 [1959],p.13)
 Tão cheio de letras [...], que, não **se sabendo** de suas particularidades, **podia-se** pensar ter ele alisado banco de escola, quando outra escola não **lhe dera** o velho Ventura senão a rua. (AMADO, 2008 [1959],p.16)
 “Quando o moço Barbosa, o mesmo que **lhe tinha feito** o favor, **se casou** com a filha do coronel Boaventura [...] (AMADO, 2008 [1959],p. 34)

A despeito da ausência de diálogos, traz o conto infantil nove ocorrências de inovação linguística, abaixo indicadas:

[...] a mais redonda das pelotas [...] logo **se tornou** popularíssima. (AMADO, 2008 [1987],p.6)
 Fura-Redes **se apaixonou** e logo por quem! (AMADO, 2008 [1987],p.12)
 Em lugar de **se apaixonar** por um artilheiro [...] (AMADO, 2008 [1987],p.12)
 [...] continuava sem **saber se posicionar** entre as traves. (AMADO, 2008 [1987],p.16)
 [...] o Rei do Futebol havia faturado o gol 999 e **se preparava** para varar o gol número mil. (AMADO, 2008 [1987],p.20)
 [...] no estádio onde mais de 200 mil pessoas **se comprimiam**. (AMADO, 2008 [1987],p.23)
 [...] iria **se immortalizar** ao receber aquele gol. (AMADO, 2008 [1987],p.26)

Mas Fura-Redes partiu atrás de seu goleiro e o perseguiu até que o alcançou [...] e em seu peito **se aninhou**. (AMADO, 2008 [1987], p.30)
Se casaram e viveram felizes para sempre” (AMADO, 2008 [1987], p.32)

, no que é seguido pelos três contos não infantis, inclusive “O milagre dos pássaros”:

Porciúncula esperou um pouco até Mercedes **se acomodar** no chão. (AMADO, 2008 [1959], p.16)

Tibéria ralhava com ela, **se rindo**. (AMADO, 2008 [1959], p.25)

[...] o mulato **se roendo** de paixão pela menina [...] (AMADO, 2008 [1959], p. 26)

Tibéria **andou lhe soprando** umas coisas no ouvido. (AMADO, 2008 [1959], p. 32)

Se voltou para Carolina, mulatona de peso que **vivia lhe arrastando** a asa. (AMADO, 2008 [1959], p. 35)

Se vossa excelência **permite-me** tal intimidade, não sinto o menor remorso. (AMADO, 2010 [1965], p.8)

[...] pois **vos faltam** os colhões de vosso pai. (AMADO, 2010 [1965], p.35-6)

[...] quando ela, ainda menina, **veio frequentar-me** as aulas. (AMADO, 2010 [1965], p.36)

[...] quando ela [...], de monoquíni e monóculo, **divertia-se** (AMADO, 2010 [1965], p.43)

[...] enfrentou o pistoleiro e **o fez** vestido. (AMADO, 2008 [1979], p.11)

[...] poesia era e **lhe dava** o de-comer paras as três esposas. (AMADO, 2008 [1979], p.20)

Xangô, seu pai, o protegeu. (AMADO, 2008 [1979], p.29)

Ubaldo e Sabô **se encontravam** dando a da despedida. (AMADO, 2008 [1979], p.31)

O povaréu **foi se juntando**. (AMADO, 2008 [1979], p.31)

Dois dos contos não infantis – “De como o mulato Porciúncula descarregou o seu defunto” e “O milagre dos pássaros” – se opõem por um dado curioso. Embora em ambos conste apenas um diálogo, neste registra-se um caso de conservadorismo, naquele, uma inovação, ambos os exemplos envolvendo clítico anteposto ao verbo:

— Os distintos **me desculpem**. (AMADO, 2008 [1959], p.13)

— [...] não me separo dele. (AMADO, 2008 [1979], p.21)

Além desse exemplo de conservadorismo em fala de personagem, “O milagre dos pássaros” traz outras 34 ocorrências conformes à Tradição Gramatical, de que são exemplos:

Vinham **buscá-lo** de longe para animar batizados. (AMADO, 2008 [1979], p.12)

[...] **tocar-lhe** os peitos, **alisar-lhe** as coxas [...] (AMADO, 2008 [1979], p.21)

[...] **acrescente-se** que o lar de Ubaldo com a bela Romilda **encontra-se** na cidade de Lagarto. (AMADO, 2008 [1979],p.22)
 Lindolfo Ezequiel ficou ali plantado, em meio à feira, onde **se encontra** até hoje. [...] O antigo pistoleiro **transformara-se** em objeto de real utilidade pública. (AMADO, 2008 [1979],p.40)
 Quando cruzaram a fronteira de Sergipe, **depositaram-no** num convento de freiras, que **o acolheram** com cortesia e não **lhe fizeram** perguntas. (AMADO, 2008 [1979],p.41)

Enfim, tratemos dos dados oriundos do volume “Toda saudade do mundo”, composto de cartas escritas por Jorge Amado à sua esposa, Zélia Gattai, durante o primeiro período de exílio que ele sofreu devido às suas convicções políticas. Uma vez colhidos, pudemos organizá-los no quadro abaixo:

Quadro 3: A variação da posição dos clíticos nas cartas familiares amadianas

USOS	OCORRÊNCIAS	%
conservadores	174	25,40%
inovadores	484	74,60%
TOTAL	658	100%

Talvez o fato de a carta familiar se tratar de um gênero pragmático, ou seja, não literário, explique o predomínio de usos inovadores, como os seguintes:

Estou doído para **te ter** do meu lado. (AMADO, 2012, p. 42)
 [...] mas se empregas o tempo em outro sentido (e assim **me pareceu**) então **te** enganas. (AMADO, 2012, p.37)
 [...] tendo eu dado ordens para que deixem lá para eu **os receber** quando formos os dois. [...] Como vês, **tenho me movimentado** muito [...]. Todos os meus livros vão ser publicados aqui, a não ser os primeiros que não me interessa que saiam... (AMADO, 2012, p.30)

De qualquer forma, as cartas registram também usos conservadores, como os dos seguintes exemplos:

Por falar em saudade, **passei-te** um *Clabe*, recebeste? (AMADO, 2012, p.19)
 [...] **Mandar-te-ei** recorte das entrevistas logo que saiam. (AMADO, 2012, p.26)
Conta-me dela e **dá-lhe** um abraço meu. Telefona a Niemeyer e **pergunta-lhe** se ele aceitara um convite da Tchecoslováquia para visitar aquele país. Se ele aceita **mande-me** dizer logo... (AMADO, 2012, p.32)

Embora predomine a inovação nesse gênero, há ocorrências conservadoras, o que talvez se explique pelo hábito do escritor com a escrita no registro padrão.

No que concerne ao gênero conto, mesmo com o recurso do discurso indireto, há uma linguagem que alterna conservadorismo e inovação, assim como nos demais gêneros. E o uso das formas não padrão na escrita literária de Jorge Amado só pode ser entendido se levarmos em conta o que diz o próprio escritor: “Acredito que tenho grande conhecimento da língua falada pelo povo. Eu o conheço bem, e, quando estou escrevendo um romance, ela me vem facilmente” (AMADO *apud* SANTOS, 1993, p.101).

As formas não padrão correspondem a língua do povo, essa que Jorge Amado conhece tanto quanto o próprio povo. As variantes estigmatizadas são prestigiadas na obra amadiana ao lado da variante padrão, exatamente porque o escritor mescla a sua ficção com personagens representativos das classes elitizadas e das classes subalternizadas na sociedade.

Dos gêneros analisados, apenas na carta, os usos inovadores superam os conservadores. Isso acontece porque se trata de uma correspondência familiar e, portanto, de uma situação não formal em que Jorge Amado se dirige a sua esposa Zélia. Assim, não havia necessidade de adequar a escrita a norma-padrão. No entanto, verificamos ocorrências de usos conservadores, inclusive ao lado de formas inovadoras, num total correspondente a 1,67%. Os usos conservadores inseridos num contexto de interação informal de Jorge Amado com Zélia pode se explicar talvez pelo hábito de o escritor usar a modalidade padrão da língua e se “escorregar” nessa norma mesmo quando a situação comunicativa não exige.

3.2 Jorge Amado: uma inovação na literatura e na linguagem

Por muito tempo, a obra de Jorge Amado foi vista pela crítica literária como uma literatura menor e menos significativa em relação a outras obras. O romancista ficou fora do cânone literário e foi deixado de lado nos estudos dentro das Universidades. A crítica literária, negativa e superficial, longe de perceber o verdadeiro objetivo do escritor e a importância da sua linguagem no âmbito de representação da nacionalidade brasileira, vem tecendo alguns pressupostos em torno de sua escrita.

O escritor popular é julgado tanto pelo conteúdo que expressa quanto pela forma que utiliza para expressão. Jorge Amado representa na sua literatura a realidade do povo humilde e subalternizado, que tão pouco ganhou espaço no fazer

literário canônico. E, representando essa realidade, ele a faz por completa, pois não negou em falar o que fala o povo e materializar a linguagem desse povo. Por isso, suas principais críticas recaem sobre esses quesitos:

Jorge Amado, fecundo contador de histórias regionais, definiu-se certa vez “apenas um baiano romântico e sensual”. Definição justa, pois resume o caráter de um romancista voltado para os marginais, os pescadores e os marinheiros de sua terra que lhe interessam enquanto exemplos de atitudes “vitais”: românticas e sensuais... [...]

Cronista de tensão mínima, soube esboçar largos painéis coloridos e facilmente comunicáveis que lhe franqueariam um grande e desmentido êxito junto ao público. Ao leitor curioso e glutão a sua obra tem dado de tudo um pouco: pieguice e volúpia em vez de paixão, estereótipos em vez de trato orgânico dos conflitos sociais, pitoresco em vez de captação estética do meio, tipos “folclóricos” em vez de pessoas, descuido formal a pretexto de oralidade... Além do uso às vezes imotivado do calão: o que é, na cabeça do intelectual burguês, a imagem do *eros* do povo. O populismo literário deu uma mistura de equívocos, e o maior deles será por certo o de passar por arte revolucionária. No caso de Jorge Amado, porém, bastou a passagem do tempo para desfazer o engano. (BOSI, 2006, p. 432 - 433)

Envolvida de muita ironia, a crítica acima nega o real valor da obra amadiana e não reconhece a sua importância enquanto literatura nacionalista, regionalista, destinada a servir o povo. As faces do povo brasileiro que Jorge Amado constrói são tomadas como elementos de zombaria para a definição do próprio escritor e controvérsias negativas são postas em questão, inclusive a que aqui mais chama atenção: descuido formal a pretexto de oralidade. Ao lado de Bosi (2006), Álvaro Lins (apud ALVES, 2013, p.110) atinge, com críticas perigosas, não só a obra, mas também o próprio escritor: “[...] ‘O principal problema do sr. Jorge Amado é o da sua ignorância, o da sua falta de contato com a cultura, o da sua inexperiência literária’. [...]”. Outros estudiosos mencionam ainda que a linguagem amadiana se manifesta de uma forma chula, precária e desleixada, tanto que acaba por ir de encontro com os grandes escritores da literatura brasileira, situados no mesmo momento que o escritor baiano.

Ora, como não discordar aqui dessas opiniões equivocadas? Como negar a importância de um escritor dono de um legado literário que atravessou o Brasil e o exterior? Como negar o valor do escritor dono de obras traduzidas em 55 países e 49 idiomas, de obras adaptadas para o cinema, teatro e televisão? Como não reconhecer a importância de obras literárias que perpassam a realidade brasileira, que apontam as marcas e a identidade do nosso povo? E mais, como não

reconhecer o valor de obras literárias construídas para a interação popular e para a identificação do leitor?

Essas são algumas indagações que nos permitem falar não de um escritor desleixado, mas de um escritor comprometido com a realidade popular brasileira em todos os âmbitos. Jorge Amado se compromete principalmente com a realidade do povo com quem teve contato e dos lugares de onde habitou: Bahia e Ilhéus. Reconhecendo que a sociedade a qual pertencia era multifacetada, o escritor leva essas várias faces de sua gente para a literatura:

O mundo de Jorge Amado é feito de trabalhadores, pescadores, prostitutas, bêbados, boêmios, mulatas fogosas, morenos espertos, professores ingênuos, mães de santo, quituteiras; mas também da elite, dos políticos e dos coronéis do cacau, com seu poder e hierarquia absolutamente estabelecidos e jamais questionados. (GOLDSTEIN, 2008, p.34)

Construir uma literatura que realmente representasse as faces do povo, em conteúdo e forma, significou uma ruptura aos padrões literários tradicionais. Aliás, a principal premissa do modernismo era essa, construir uma literatura despojada de ideais europeus, parnasianismos e formalidades que se distanciam do Brasil e do seu povo. Jorge Amado, inserido no contexto modernista anunciou: “[...] lutávamos por uma literatura brasileira que, sendo brasileira, tivesse um caráter universal; uma literatura inserida no momento histórico em que vivíamos e que se inspirava em nossa realidade, a fim de transformá-la”. (AMADO apud CALIXTO, 2011, p. 54).

E foi assim que o escritor construiu suas obras, inspirando, de fato, na realidade de sua gente que é o povo baiano (seja os cacauzeiros, políticos e coronéis, seja as prostitutas, bêbados e vagabundos). Jorge Amado desmitificou a sociedade, representando-a tal como é e, de certa forma, o caráter de suas obras abandona a literatura oficial em prol do coloquial, mostrando aspectos correntes e próprios do povo, mas até então desvalorizados pela estética literária idealista e classicizante. Falava-se em uma literatura preocupada com os comportamentos eruditos e a natureza formalista, tanto que Antunes (2007, p.97) destaca que, tradicionalmente, foi a literatura, senão a única, a principal referência para a definição da norma padrão da língua - norma que a crítica literária valoriza. E com Jorge Amado, revigora-se uma literatura inovadora que, dentre outros aspectos, trabalha com a linguagem tal como é, em seu estado de diversidade, interação e representação social:

[...]Tal incorporação formata um gênero narrativo intermediário entre o culto e o popular, entre o original e o clichê, porque recopia e reimprime as telas da história social brasileira'. E essa eficiência de entrar e sair do alto para o baixo e vice-versa era ser ousado e 'pensar por si' para seu tempo. Era estar além do tempo. E só assim a produção de Jorge Amado começa a ser compreendida [...] (ALVES, 2013, p. 119)

Jorge Amado pensou para seu tempo à medida que fez do próprio tempo em que viveu, dos espaços que habitou e das pessoas com quem teve contato, referências para o seu fazer literário. E nesse projeto, a linguagem simples, popular e diversificada é que sempre foi seu instrumento para dar forma a seu pensamento. Diferentemente de constituir um descaso com a língua, as obras amadianas dão “vida” a língua e aos leitores, pois representa as múltiplas faces do povo baiano e a sua história, a partir das variantes circundantes na sociedade e não de um modelo artificial de língua que não existe, senão nas gramáticas.

Exatamente por isso, as obras amadianas ganharam tanta repercussão nacional e internacional e permanecem em destaque hoje enquanto uma literatura inovadora, capaz de motivar o leitor, de inquietá-lo, de causar alegria ou fúria, enfim capaz de conduzir o leitor a “viver” o que vivem as personagens amadianas em suas obras. Através de uma escrita simples e natural em que, sobretudo, a oralidade se faz presente, Jorge Amado consegue levar ao leitor a representação do povo, de sua cultura, de suas crenças e de seus valores. E essa representação diz respeito, principalmente ao povo subalternizado que, além de pertencer a baixa camada social, tem seus valores sociais e culturais abominados:

Jorge põe a sua criação romanesca a serviço dos marginalizados, dos desvalidos, dos despossuídos. Empresta voz, na contracorrente dos juízos de valor dominantes na sua época e ainda por muito tempo, às mulheres submetidas ao jugo machista dos maridos; as prostitutas. Resgata dimensões emocionais e sexuais da figura feminina. Traz para o centro de atenção a realidade dos meninos de rua. Aponta-lhes a humanidade e a dignidade. Com suas sofrências e suas aspirações. Inunda de povo as suas histórias. Resgata e redimensiona os cultos afro-brasileiros. Com a autenticidade dos que sabem de convívio e vivência a que se refere. Sem distanciamentos. Sua arte retrata o Brasil carregado de mestiçagem e sensualidade. (PROENÇA FILHO, 2013, p. 31)

As obras aqui analisadas carregam esse teor de representação do povo deixado à margem social, tanto em conteúdo como em forma:

Em “Tereza Batista Cansada de Guerra”, Amado dá voz a figura feminina, descrevendo as lutas de Tereza desde criança até o tempo em que conseguiu firmar sua dignidade em casamento. Tereza Batista em sua infância representa as crianças órfãs que, desde cedo, perdem o apoio do pai e da mãe e passam a viver sob uma tutela cruel e exploradora. Na adolescência, ela representa as mulheres que viveram ou vivem para a servidão sexual e que são escravas de seus maridos; Tereza representa as prostitutas que encaram o ato sexual como uma profissão e, por isso, são julgadas como vagabundas e sem vergonhas; Tereza representa ainda a mulher que, apesar dos contratemplos, preserva sua reputação. Ela não preservou sua virgindade em razão das condições que foi submetida, mas preservou seu coração para o homem com quem se casou. E a jovem representa também a imagem da mulher forte, guerreira, mobilizadora e preocupada com os problemas sociais.

Em “O milagre dos pássaros” (2008 [1979]), soa a questão da traição. Sabô representa a mulher que rompe os limites de seu tempo, pois, embora ela tivesse que manter a honra e a fidelidade dentro do seu matrimônio, não negou em satisfazer seus desejos fora dele. E Ubaldo Capadócio é mais um dos mulherengos que se arriscam a amar muitas mulheres e a viver como se tudo fosse tão somente poesia (seu trabalho), festa e amor.

E até mesmo no conto infantil, Amado se preocupa em dar voz a quem está à margem. Em “A bola e o goleiro” (2008 [1987]), através de Bilô Bilô, o escritor mostra ao leitor infantil que quem é considerado ruim e deixado de lado pode se tornar o melhor e sobressair tanto quanto os já chamados de melhores. Bilô Bilô era o pior goleiro, mas foi por quem a bola se apaixonou e quem ganhou destaque e reconhecimento no futebol sob os demais jogadores.

Diante destas e outras incursões sobre as obras amadianas, tem-se de reconhecer que Jorge Amado não construiu suas obras pensando somente num público erudito, ele as fez para representar e alcançar, principalmente o público que se vê identificado em suas histórias. Daí se explica o seu projeto estético constituído por uma linguagem plural, (ora conservadora, ora inovadora), por uma língua totalmente a favor dos falantes.

A língua que Jorge Amado utiliza está a serviço dos falantes porque não se distancia deles e se materializa da forma como eles falam. Amado leva para suas obras os falares de um povo que não domina os conceitos gramaticais de ênclise, próclise e mesóclise, mas que sabe empregar os clíticos em perfeito acordo com o

que é permitido em nossa língua, que sabe usá-los, independente da posição, para promover a comunicação e a interação social. Assim, a forma escrita de Amado equivale a forma falada do povo.

Mas, nesse sentido, é necessário considerar o que diz Lessa (1976, p. 138):

[...] não somos adeptos da 'forma pela forma', nem nos incluímos entre os que pensam que o valor de uma obra literária se afere, pura e simplesmente, pelas virtuosidades do estilo ou pelo precioso vocabular e fraseológico.

Mas, por outro lado, sustentamos também que numa obra literária não se pode relegar o plano secundário a beleza expressional, o apuro na construção, a musicalidade da frase, o critério na seleção dos vocábulos, a clareza e a originalidade, em uma palavra: a preocupação com a forma – pensada, burilada, sugestiva, límpida, vigorosa.

Afinal, a literatura, em última análise, é a arte da palavra, de maneira que não pode haver uma obra literária sem que a palavra tenha sido artisticamente trabalhada. [...]

Jorge Amado é dono dessa literatura em que a forma linguística foi pensada e burilada, em que as palavras foram artisticamente trabalhadas e, neste caso, a arte é, principalmente, a incorporação da oralidade na escrita. Por isso, não se pode deixar de reconhecer a valia do escritor enquanto representação da nacionalidade, da regionalidade e da cultura do povo, sobretudo, em termos de língua.

O projeto estético de Jorge Amado não deve ser interpretado fora dos seus objetivos enquanto escritor do povo. A escrita amadiana é simples e natural, mas não é inocente. Com a sua linguagem oscilante entre formas conservadoras e inovadoras, Amado acaba por inovar a própria literatura mostrando que o povo está na literatura e que esta é para o povo. O escritor inova a escrita literária uma vez que rompe com o modelo clássico encontrado em muitos dos seus antecessores, como por exemplo, nas obras machadianas. Além disso, como bem destaca Goldstein (2008, p. 67), pela elaboração da linguagem, o prosador baiano se revela preocupado em aproximar a realidade da ficção, num discurso aberto para além de seu tempo. Suas obras são atuais por retratar os paradoxos de nosso país e seu estilo de narrar resulta na aproximação entre autor, personagem e leitor.

Jorge Amado representa o paradoxo existente na própria linguagem não para marcar o surgimento de uma nova língua, mas para reconhecer na escrita, as variedades que sempre existiram apenas na fala. Podemos dizer que temos um paradoxo linguístico que se perpetua até hoje na sociedade: a existência de uma variante padrão e prestigiada e a existência (negada) de outras variantes linguísticas

desprestigiadas. As obras amadianas mostram esse paradoxo para reforçar o caráter heterogêneo da língua. E mais do que isso, se a língua é um instrumento de interação e comunicação social, Amado a utiliza para promover a interação entre autor, personagem e leitor num processo de representação histórica, social e cultural da gente simples e humilde da Bahia.

Por isso, esse escritor baiano jamais poderá ser tachado de descuidadoso, equivocado e problemático em relação à linguagem. É preciso reconhecer na língua utilizada por Amado, o propósito de um projeto estético voltado para a diversidade e representação das personalidades e identidades subestimadas socialmente e deixadas, praticamente fora da arte literária clássica. É preciso que as obras sejam lidas sob um olhar diferenciado, tanto quanto, o próprio Jorge diferenciou sua arte das demais.

3.3 Jorge Amado: novas perspectivas na descrição da norma padrão e no ensino de língua portuguesa

Pela importância e pertinência das obras amadianas, elas merecem ser lidas com outros olhos, bem como, ser trabalhadas sob uma perspectiva que aborde as características de sua linguagem e permanência desta na sociedade atual. Além disso, é necessário que leve o leitor a refletir sobre a língua em seu real estado de movimento e variação, sobre “os mitos da língua certa e errada” e também sobre a questão de adequação linguística para as diferentes situações sócio comunicativas.

A língua de Jorge Amado (dotada de formas conservadoras e formas inovadoras) não só representa os modos de falar do povo humilde, não só representa as variantes estigmatizadas de sua época, mas acaba por demonstrar variações que ocorrem hoje, tanto na fala das pessoas sem escolaridade quanto na fala de pessoas letradas. Até porque, como bem destaca Perini (2002, p. 36), “[...] Todos nós, mesmo os mais escolarizados, aprendemos em primeiro lugar a modalidade coloquial, que difere em pontos importantes do padrão; e todos nós utilizamos o coloquial na maioria das situações de fala”. Assim, em relação ao fenômeno estudado – a posição variável dos clíticos, nota-se que Jorge Amado utilizou formas inovadoras que, em nosso português brasileiro, são correntes na fala de qualquer pessoa. Atualmente, o uso da próclise aparece na fala das pessoas

escolarizadas da mesma maneira que na fala das pessoas que não tiveram acesso a cultura letrada. Assim como a mesóclise desapareceu de ambas as falas.

Além disso, de acordo com Bagno (2007, p. 94), essas formas de colocações pronominais já aparecem também nas manifestações escritas mais monitoradas. Da mesma maneira, Perini (2002, p. 230) diz que a ênclise está desaparecendo do português brasileiro, uma vez que a próclise, tendência dominante na modalidade falada, já deixou marcas muito profundas no próprio padrão escrito. Portanto, a série de regras gramaticais para a colocação pronominal, que nunca foi incorporada na fala dos brasileiros, já acaba por cair em desuso até mesmo na escrita. As formas inovadoras de colocação pronominal, tão utilizadas por Jorge Amado (átomo em início de períodos, intercalado em locuções verbais, anteposto a gerúndios e infinitivos fora de locução verbal e a marca de inexistência da mesóclise) podem ser descritas, numa análise sociolinguística, como “formas padrão” por aparecerem naturalmente e com muita frequência nos falares de nossa comunidade linguística.

Neste sentido, reconhecemos que, embora Jorge Amado escrevesse naquele contexto de 30, inspirado naquela geração de “putas e vagabundos” da Bahia, ele não só levou a fala desta gente para a sua escrita literária como também fez uma atualização do que é corrente em nossa língua falada (e até escrita) hoje. Assim, defendemos aqui que, se as obras amadianas permanecem tão vigorosas em nossa literatura e a escrita de Jorge Amado é tão pertinente e representativa da sociedade, essas obras precisam ser refletidas, dentre outras implicações, para a possibilidade de trabalhar a língua sobre novas perspectivas no ensino.

Tivemos por muito tempo no Brasil, (até meados de 60), uma escola excepcionalmente tradicional, pautada pela reprodução de conteúdos. O aluno era assim, considerado como um receptor de dados e o professor, um emissor de conhecimentos alheios. Nessa perspectiva, o ensino de língua portuguesa se via sintetizado no ensino de gramática e considerava-se que ensinar as regras para se escrever bem e se falar bem deveria ser o principal objetivo dos professores.

Com o advento da “Escola nova”, almejada por Paulo Freire, Anísio Teixeira e outros educadores, as práticas de ensino começaram a ser redimensionadas, sob uma perspectiva de levar o aluno a ser sujeito e considerar os valores históricos, sociais e culturais que esse sujeito carrega consigo ao chegar à escola. O que aconteceu, porém, é que a língua – valor cultural e representativo da identidade do

aluno – continuou a ser trabalhada com os mesmos equívocos de antes: língua resumida em gramática ou tomada como sinônimo de gramática normativa. Para os PCN, o estudo gramatical aparece nos planos curriculares de português, desde as séries iniciais, sem que os alunos, até as séries finais do ensino médio dominem a nomenclatura. Há uma confusão entre norma e gramaticalidade e o que poderia ser um exercício para o falar, escrever e ler melhor se transforma em uma camisa de forma incompreensível (BRASIL, 2000, p. 16).

Assim, notamos que, embora, os estudos sociolinguísticos avancem com a concepção de língua heterogênea e variável, até hoje ainda se perpetua no ensino uma visão simplista da língua, tomada como questão de certo ou errado, tomada como uma série de vocábulos, cada um pertencente à determinada classe e que se agrupam para formar frases – divididas entre sujeito e predicado. Sendo assim, a escola acaba por deturpar a língua e os falantes dela, uma vez que nega o trabalho com a língua como uma entidade viva, variável e representativa dos falantes de um grupo social. Desta forma, é preciso entender que a língua

[...] É parte de nós mesmos, de nossa identidade cultural, histórica, social. É por meio dela que nos socializamos, que interagimos, que desenvolvemos nosso sentimento de pertencimento a um grupo, a uma comunidade. É a língua que nos faz sentir pertencendo a um espaço. É ela que confirma nossa declaração: *Eu sou daqui*. Falar, escutar, ler, escrever reafirma, cada vez, nossa condição de gente, de pessoa histórica, situada em um tempo e em um espaço. Além disso, *a língua mexe com valores*. Mobiliza crenças. Institui e reforça poderes. (ANTUNES, 2007, p. 22)

É nessa perspectiva que a língua deve ser trabalhada no ensino. Ao invés de alimentar o mito de que a norma padrão prestigiada é a língua certa, é preciso conscientizar que na língua, com sua complexidade e variedade, não existe falar errado, existem diferenças de falares que revelam a identidade de cada sujeito inserido no seu tempo e no seu espaço. É exatamente isso que Jorge Amado mostra em suas obras, as identidades e os valores de um povo humilde, simples e subestimado. Através de uma escrita conservadora e inovadora, Amado constrói em suas obras diferentes “lugares” para cada personagem, o que também representa os diferentes lugares que as pessoas vivem na sociedade.

Assim, a escrita amadiana na escola, longe de ser trabalhada para reforçar as críticas negativas sobre o autor e para denunciar e silenciar as variedades da língua, deve ser trabalhada para mostrar a complexidade e heterogeneidade que

esta assume. Como bem afirma Bagno (2007, p. 116) “Não se trata, portanto, de substituir a forma nova pela antiga, nem a antiga pela nova, mas de compreender os mecanismos da variação e da mudança linguísticas, construir uma atitude de simpatia frente as formas variantes [...]”. Esta atitude de simpatia é mostrar que a língua não é apenas essa variante prestigiada que se convencionou de “certa”, mas uma variedade de formas linguísticas, todas com a mesma finalidade: promover a comunicação e a interação entre as pessoas.

Além disso, um ensino que valoriza e trabalha com as variedades linguísticas, além de mostrar que na língua não existe certo ou errado, mostra que existe um critério de adequação em que cada falante adequa sua forma linguística a depender da situação sociocomunicativa. Como destaca os PCN (1998, p. 31)

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo; saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa, dado o contexto e os interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem.

Saber adequar a linguagem para cada situação de uso implica conhecer as variedades da língua, seja a prestigiada, sejam as desprestigiadas. Quanto mais se domina as variedades de uma língua, maior é a capacidade de adequação desta para cada circunstância de uso. Desta forma, quando falamos nas variedades linguísticas no ensino, não estamos propondo uma extinção do ensino da norma padrão, até porque, de fato, essa norma é exigida em instâncias de usos formais e, por relações de poder, atribui ao falante certo prestígio social. Defendemos a questão de

[...] providenciar para o aluno oportunidades de acesso ao padrão valorizado da língua [...] Longe de qualquer teoria linguística a orientação de negar a todos os falantes esse acesso. O problema é discernir sobre o que faz parte desse padrão e adotar uma visão não-purista, de flexibilidade, de abertura, para incorporar as alterações que vão surgindo; o problema é, ainda, não julgar essas mudanças como, simplesmente, provas de decadência da língua e, assim, não subestimar ou não ridicularizar aqueles que fogem esse padrão socialmente prestigiado. [...] (BAGNO, 2007, p. 100)

Portanto, a variante prestigiada deve sim, continuar a ser trabalhada no ensino de língua, mas ao lado das variantes desprestigiadas. Já que, enquanto uma

é exigida em situações formais, outra está sempre circulando nas falas cotidianas do povo. Não se trata de negar ao aluno o acesso à norma padrão, e nem tampouco, desrespeitar os usos linguísticos variáveis que cada aluno já traz.

O acesso à norma-padrão da língua é indispensável para que o aluno domine a fala e a escrita em ambientes e situações formais e científicas, e não porque essa norma é superior a outras variantes que muitos chamam de erradas, até porque, como bem destaca Geraldi (2009, p. 64)

[...] a noção de erro não é uma questão linguística estrita, mas deriva da eleição social de uma das variedades como a certa. Não por acaso, esta variedade é aquela falada pelo grupo social que detém o poder (econômico, político, social). E esta variedade foi a base para a construção da escrita, porque na história, somente aqueles que tiveram tempo disponível para refletir puderam debruçar-se sobre suas formas de falar e num longo processo histórico foram construindo a modalidade escrita.

Assim, reafirmamos a importância de que o aluno conheça (e muito bem) a variante padrão da língua, a que mais se aproxima da gramática normativa, para que seja utilizada nos textos que lhe for exigida. No entanto, não se pode sobrepor esta sobre as outras variedades linguísticas, pois todo falante, independente da variedade utilizada, consegue se comunicar e interagir.

Além disso, tanto os textos falados como os textos escritos (a depender do gênero textual) podem fazer uso de uma linguagem que foge aos padrões da gramática normativa. Assim, o que precisa ser feito não é um julgamento sobre a linguagem, mas uma interpretação dela, o porquê de ela se apresentar de uma forma e não de outra em cada texto. No caso dos textos amadianos, a escrita foge aos padrões normativos na busca de representar, principalmente o povo da baixa camada social, a partir da aproximação da fala desse povo à escrita literária. Apesar de sua escrita (conservadora e inovadora) não ser completamente aceita, Jorge Amado faz isso em conformidade com o que é cabível na própria literatura, pois

Do ponto de vista linguístico, o texto literário também apresenta características diferenciadas. Embora, em muitos casos, os aspectos formais do texto se conformem aos padrões da escrita, sempre a composição verbal e a seleção dos recursos linguísticos obedecem à sensibilidade e a preocupações estéticas. Nesse processo construtivo original, o texto literário está livre para romper os limites fonológicos, lexicais, sintáticos e semânticos traçados pela língua [...] (BRASIL, 1997, p. 27)

Daí cumpre-nos destacar que a literatura de Jorge Amado, sob uma análise linguística, não deve ser usada para condenar as variedades da língua ou cobrar um purismo linguístico na arte literária, mas para entender que na língua, não existe certo e errado, existem situações que exigem um ou outro uso, existem textos que permitem e optam por uma linguagem formal ou informal, mas cada um com seus objetivos e suas características específicas. A leitura de Jorge Amado na escola, bem como de outros autores modernistas, pode ser trabalhada, dentre outras questões, para ampliar o universo e as concepções de língua que o leitor já tem.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste percurso de pesquisa, concluímos que pesquisar é procurar respostas para as nossas indagações, é estar movido por um desejo de conhecer e buscar o novo, não para se jogar fora o velho, mas para se evoluir e admitir que as mudanças de tempo, de espaço, de sociedade, de cultura e de valores constituem a nossa história e podem ser reconhecidas pela ciência. Nessa perspectiva, a pesquisa realizada nos mostrou novos olhares sobre a língua literária modernista, nova forma de ler as obras amadianas, considerando seu projeto estético de representação social e nos fez refletir como a língua usada nas obras amadianas pode alterar as concepções cristalizadas de que a única variedade linguística aceita é a que corresponde a padrão.

No estudo realizado constatamos que, ao contrário do que afirmou Barbadinho Neto (1977) – que não houve inovação linguística no movimento modernista, exceto em Mário de Andrade e num único passo da escrita amadiana, em que o autor teria cometido um “erro” de concordância verbal –, os modernistas inovaram a sua escrita, e de uma maneira muito visível. No caso de Jorge Amado, a inovação não corresponde apenas ao fenômeno de concordância verbal, mas a vários outros fenômenos, inclusive o que aqui analisamos (a posição variável dos clíticos). Como se pôde observar nos resultados quantitativos, isso ficou muito evidente em todos os gêneros pesquisados: no romance, nos contos e na carta (gênero em que as inovações superaram o conservadorismo).

A pesquisa apontou que a presença do conservadorismo e da inovação linguística na escrita de Jorge Amado não acontece por acaso e nem inocentemente. Aquele é próprio das sequências em que fala o narrador e esta é característica das sequências em que falam as personagens. Assim tivemos: no romance - um grande número de inovações, mas que não supera o conservadorismo, porque, apesar das personagens ganharem voz, o narrador é quem fala mais na história; nos contos - poucas inovações encontradas no discurso indireto, porque se trata de um gênero textual curto, onde há maior predominância de sequências narradas e quando as personagens falam, é por meio do discurso indireto; e na carta familiar – os usos inovadores superaram os conservadores, já que se trata de uma comunicação informal entre família.

O que dizer dos usos conservadores e inovadores que Jorge Amado agregou a sua escrita literária?

A partir da nossa análise, os usos conservadores nos fizeram refletir que, apesar de não ser a única, existe uma norma padrão que a sociedade nos cobra ou nos impõe em determinadas situações de comunicação. Embora reconheçamos a presença das variantes linguísticas, não se pode falar de um abandono desta norma padrão, pois assim como é utilizada pelo narrador de Jorge Amado, exige-se que seja utilizada hoje em determinadas modalidades de textos orais ou escritos. Além disso, pelas ideologias arraigadas na sociedade, a norma padrão da língua evidencia certo grau de prestígio e poder social, por isso, deve ser trabalhada, inclusive, para oferecer a todos os falantes iguais oportunidades e possibilidades sociais.

No entanto, é necessário reconhecer que apesar disso, a língua não se manifesta igualitária e nem tem objetivo de marcar prestígio social de ninguém. A língua é a revelação da nossa identidade e o instrumento pelo qual interagimos em sociedade. Por isso, é tão diversificada como são diversificados os falantes dela, foi o que revelou as análises de inovação linguística.

Atentando-se para isso, Jorge Amado quebrou o paradigma literário classicizante que é pautado numa escrita preocupada com a gramática normativa, e buscou inovar a literatura, trazendo para o interior dela as marcas linguísticas do povo. Em relação ao fenômeno estudado, Amado levou para a sua escrita as posições pronominais usuais na fala brasileira. Embora não sejam condizentes com as prescrições da gramática tradicional, as inovações por ele utilizadas, bem como as dos demais modernistas, não são um “absurdo” na língua, mas uma materialização permitida pelo “sistema” e, mais ainda, uma representação e aproximação da fala do povo brasileiro. Daí, dizemos que as pesadas críticas pelas quais passou o escritor baiano são insensatas e incoerentes.

Esta opção que fez Jorge Amado quanto ao uso inovador nos variados gêneros escritos buscou uma representação fiel da nacionalidade brasileira em termos de língua. Amado mostra que o português brasileiro é constituído pela pluralidade, diversidade e variação. E que esse português circula na fala e precisa circular na escrita, não só para representar o povo, mas para promover a interação com ele.

Assim, as inovações encontradas em Jorge Amado, além de representarem a língua brasileira e mais precisamente, a língua baiana, tal como é, buscam mostrar que esta língua deve estar a favor dos falantes. Os textos amadianos falam da realidade popular e subestimada da Bahia e, por isso, tendem a usar a língua deste povo. De que adiantaria produzir para um povo numa linguagem que se distanciasse dele? Jorge Amado responde a esse questionamento inspirando-se nas camadas populares para o seu fazer literário e usando a língua desta gente para a materialização da sua arte.

Temos então em Amado, uma língua literária que promove brilhantemente a interação entre escritor, obra e leitor. O autor baiano constrói a identificação com o leitor ao qual se destina a partir da sua escrita popular, sem se preocupar tanto com os exageros da gramática normativa. Daí, o destaque de Jorge Amado enquanto escritor literário, pois a literatura não é só arte, mas a arte que fala de alguém e para alguém, a arte organizada para alcançar o seu público.

Por fim, destacamos que a escrita amadiana, ao mesclar conservadorismo e inovação traduziu em perfeitas condições a realidade linguística da gente humilde da Bahia e ultrapassou os limites do seu tempo, pois, especificamente em relação a variação da posição dos clíticos, os usos que fez Jorge Amado estiveram presentes na fala da geração de trinta e estão nas falas e já nas escritas da geração contemporânea.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 46. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.
- ALVES, Ivã. "As relações de poder da crítica literária e os romances de Jorge Amado". In: FRAGA, Myriam; FONSECA, Aleilton; HOISEL, Evelina. **Jorge Amado: 100 anos escrevendo o Brasil**. Salvador: Casa de Palavras, 2013.
- AMADO, Jorge. **Tereza Batista cansada de guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 [1972].
- AMADO, Jorge. **A bola e o goleiro**. 91.ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2008 [1987]
- AMADO, Jorge. **De como o mulato Porciúncula descarregou seu defunto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 [1959].
- AMADO, Jorge. **O milagre dos pássaros**. Posfácio de Ana Miranda. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 [1979].
- AMADO, Jorge. **As mortes e o triunfo de Rosalinda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 [1965].
- AMADO, Jorge. **Toda a saudade do mundo: a correspondência de Jorge Amado e Zélia Gattai do exílio europeu à construção da casa do Rio Vermelho (1948-1967)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ANTUNES, Irlandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedra no caminho**. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia e exclusão social**. São Paulo: Loyola, 2001.
- BAGNO, Marcos. **Gramática de bolso do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2013.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 30.ed. Rio de Janeiro, 1986.

- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43.ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: ensino médio. Brasília: MEC/SEF, 2000.
- CALIXTO, Carolina Fernandes. **Jorge Amado e a identidade nacional**: diálogos políticos culturais. Niterói: UFF/ ICHF, 2011.
- CUNHA, Celso. **Gramática do português contemporâneo**. 10.ed. Rio de Janeiro: Livraria, 1983.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- ELIA, Silvio. **Ensaio de filologia e linguística**. 2.ed. Rio de Janeiro: Grifo/ INL, 1975.
- GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino**: exercício de militância e divulgação. 2.ed. Campinas: Mercado de Letras, 2009.
- GOLDSTEIN, Norma Seltzer (Org.). **Caderno de leituras**: a literatura de Jorge Amado – orientação para o trabalho em sala de aula. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- LESSA, Luiz Carlos. **O modernismo brasileiro e a língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Grifo, 1976.
- PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. 4.ed. São Paulo: Ática, 2002.
- PINTO, Edith Pimentel. **A língua escrita no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1992.
- PROENÇA FILHO, Domicio. “Permanência de Jorge Amado”. In: FRAGA, Myriam; FONSECA, Aleilton; HOISEL, Evelina. **Jorge Amado: 100 anos escrevendo o Brasil**. Salvador: Casa de Palavras, 2013.
- RAMOS, Ricardo Tupiniquim. **Estudos fonéticos e fonológicos**. Caetité: Universidade do Estado da Bahia, DCH- Campus VI, 2012.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 23.ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1983.
- SANTOS, Itazil Benício dos. **Jorge Amado**: retrato incompleto. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- TAVARES, Paulo. **O baiano Jorge Amado e sua obra**. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.